

Pâmela Festa Cardoso Borba

**NARCISISMO DAS PEQUENAS DIFERENÇAS NO PENSAMENTO
FREUDIANO: DA DIFERENÇA À INTOLERÂNCIA**

Monografia de conclusão do Curso de Especialização em
Psicologia Clínica: Teoria Psicanalítica

COGEAE – PUC/SP

2013

Pâmela Festa Cardoso Borba

**NARCISISMO DAS PEQUENAS DIFERENÇAS NO PENSAMENTO
FREUDIANO: DA DIFERENÇA À INTOLERÂNCIA**

Monografia de conclusão do Curso de Especialização em
Psicologia Clínica: Teoria Psicanalítica

Orientador: Prof. Dr. Pedro Luiz Ribeiro de Santi

COGEAE – PUC/SP

2013

RESUMO

BORBA. Pâmela Festa Cardoso. Narcisismo das pequenas diferenças no pensamento freudiano: Da diferença à intolerância. São Paulo, 2013. 60p. Monografia de Conclusão do Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Teoria Psicanalítica. COGEAE/ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

O presente trabalho, a partir do conceito psicanalítico de “narcisismo das pequenas diferenças”, têm como objetivos investigar quando a diferença torna-se intolerante no psiquismo e aniquilamos o outro, percorrendo sobretudo às obras de Freud e como ele tece seu pensamento sobre o fenômeno de intolerância à diferença do outro. Busca-se examinar como a noção deste conceito desenvolveu-se ao longo do pensamento freudiano e sua relação com a destrutividade. Pretende-se também levantar questões inerentes ao humano e a Psicanálise, em que se propõe discutir o engajamento do psicanalista na civilização e como a clínica pode contribuir para enfrentar o inerente mal-estar no laço social. Para tais investigações, buscou-se realizar um levantamento bibliográfico, com a finalidade de revisar as literaturas existentes, visando à articulação conceitual com as questões levantadas, em uma interlocução com o arcabouço teórico da Psicanálise.

Palavras-chave: narcisismo das pequenas diferenças; intolerância; segregação; Psicanálise.

ABSTRACT

BORBA. Pâmela Festa Cardoso. Narcissism of small differences in Freud's mind: The difference to intolerance. São Paulo, 2013. 60p. Monograph of the Specialization Course in Clinical Psychology: Psychoanalytic Theory. COGEAE/ Pontifical Catholic University of Sao Paulo.

The present work, from the psychoanalytic concept of "narcissism of small differences", has as objectives investigate when the difference becomes intolerant in the psyche and we are actually killing the other, traveling especially the works of Freud and how he made his thoughts about the phenomenon of intolerance to the difference of the other. It Search examine how the notion of this concept developed along the Freudian thought and its relationship with the destructiveness. It is also intended to raise issues inherent to the human person and the Psychoanalysis, in which it is proposed that discuss the engagement of the psychoanalyst in civilization and as a clinic can contribute to tackling the inherent evil in the net social welfare. For such investigations, we attempted to perform a bibliographic survey, with the purpose of reviewing the existing literatures, aiming at the conceptual linkage with the issues raised, in an interlocution with the theoretical framework of Psychoanalysis.

Keywords: narcissism of minor differences; intolerance; segregation; Psychoanalysis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Dr. Pedro Luiz Ribeiro de Santi pelo comprometimento e dedicação na orientação e realização do presente trabalho, com sua generosidade e compreensão durante todo o percurso. À sua disposição nas orientações, referências teóricas, definição das literaturas e, sobretudo, as reflexões que foram construídas e produziram o conhecimento deste trabalho. E sem dúvida pela forma clara e admirável com que transmitiu seu conhecimento, acrescentando não apenas para a finalização do mesmo, mas para a minha formação profissional.

À Profa. Dra. Carmen Lúcia M. Valladares de Oliveira, pelas aulas da disciplina Psicanálise e Cultura, que contribuíram para a compreensão das obras de referência e certamente irá encontra-se com suas palavras no percurso deste trabalho. Obrigada!

Ao meu esposo Daniel, com muito amor.

Agradeço também aos amigos e professores, pela ajuda, acolhimento, paciência, e por muitas vezes compartilhar desejos, vislumbres e angústias. Obrigada pelo carinho!

Pela oportunidade, apoio e colaboração, meus sinceros agradecimentos àqueles que contribuíram e viabilizaram a realização deste trabalho.

Pâmela Festa.

SUMÁRIO

Nota prévia sobre referências e citações.....	08
INTRODUÇÃO	09
METODOLOGIA.....	12
CAPÍTULO I: A TIRANIA DO “IDEAL DE EU”	13
1.1 Narcisismo	14
1.2 O mecanismo de identificação.....	18
1.3 A coesão de um grupo	24
 CAPÍTULO II: FREUD E A INTOLERÂNCIA À DIFERENÇA DO OUTRO	 33
2.1 A fúria narcísica: “eu sou bom e o outro mau”	34
2.2 A segregação como mecanismo de aniquilação	44
 CAPÍTULO III: A PSICANÁLISE NA CIVILIZAÇÃO	 50
3.1 O engajamento do psicanalista	51
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 54
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 57

Nota prévia sobre referências e citações

Devido a deficiência das traduções das obras freudianas para o português, consideramos relevante esta nota, para esclarecer ao leitor a opção que foi adotada para esta discussão.

A *Edição Standard Brasileira*, publicada pela Editora Imago, até recentemente como única alternativa em português, salvo poucos textos traduzidos separadamente, apresentam críticas pela utilização de uma terminologia psicanalítica não consistente, implicando em consequências teóricas.

Diante desta problemática, com novas traduções, optou-se pela utilização das obras que começaram a ser traduzidas à partir de 2010 por Paulo César de Souza e publicadas pela Companhia das Letras. Com ressalva apenas para o texto *“Moisés e o monoteísmo”* (1939), que ainda não foi traduzido por esta edição, portanto, foi utilizada de uma outra tradução de Maria Aparecida Moraes Rego (1997), publicada pela editora Imago.

No que diz respeito aos termos considerados técnicos, Paulo César de Souza, colocou em uma nota de edição, que suas escolhas técnicas não tiveram pretensão de impor suas opções como absolutas, e que os leitores e psicanalistas que empregam termos diferentes, conforme suas abordagens e percepções da psicanálise, devem sentir-se à vontade para conservar suas opções. Como nos exemplos, *“instinto”* por *“pulsão”*, *“instintual”* por *“pulsional”*, *“repressão”* por *“recalque”*, *“ego”* por *“eu”*, entre outras, em que sugere um “esforço mental de substituição”.

Portanto, esclarecemos ao leitor, que fomos “fiéis” às obras utilizadas como referências, inclusive nas opções escolhidas pelos comentadores desses termos das obras freudianas, por isso, o leitor irá encontrar a utilização dos dois termos, como por exemplo, *“instinto”* e *“pulsão”*, pois optamos por respeitar suas percepções teóricas, sendo estas serem objeto de reflexão.

INTRODUÇÃO

*“A agressividade é inerente ao humano e reaparece
com o fim das ilusões”
Sigmund Freud*

Para muitos, inclusive no movimento psicanalítico, Freud esteve alheio às questões sociais, mesmo que sua importância tenha sido ressaltada em diversos momentos de sua obra. Como por exemplo, em 1921 no texto *“Psicologia das Massas e análise do eu”*, ele postula que a finalidade de um tratamento psíquico de um indivíduo não pode ser dissociada do social, pois implicaria supor um indivíduo independente da realidade que o cerca, isto é, do nível social,

A obra freudiana nos parece uma construção antitética, o que pode ser uma marca para sua oposição. Supomos que a psicanálise desde sua fundação não se propõe a oferecer respostas sobre as inquietações humanas, mas gerar “eternas” perguntas, e por sua vez, não se propõe “curá-las”, mas sim, refletir sobre elas. Sendo assim, a psicanálise não propõe que haja uma “cura”, o que cabe ressaltar não considerar uma noção preestabelecida de normalidade, já que o sofrimento psíquico não é passível deste processo. Nesse sentido, como coloca Roudinesco (2000), a morte, as paixões, a sexualidade, a loucura, o inconsciente e a relação com o outro, moldam a subjetividade de cada um e, portanto, nenhuma ciência digna deste nome jamais conseguirá pôr termo a isso. O que sem dúvida, nos encoraja a redefinir – como tantos outros termos – o que é cura, ao pensarmos na psicanálise como uma experiência que transforma.

Assim, diante da falta de respostas e muitas inquietações, vivemos em uma sociedade que instalou-se uma ordem de violência sem limites e um crescente individualismo, podendo estas serem identificadas como características da contemporaneidade; em que as diferenças são alvos de ódio e repudiadas com agressividade. Em *“O Mal-estar na civilização”* (1930), veremos que estas foram previsões feitas por Freud ao analisar o mal-estar de uma época que caminha de braços dados com a barbárie, o que nos parece muito atual.

Diante disso, no início do século XX, Freud quando funda a Psicanálise, insere o termo intolerância na sua *“disciplina”*, e desenvolveu sua teoria no momento em que a intolerância ao outro, desta vez banalizada pelo cientificismo da raça, começava sustentar a ideologia do sonho da luta das raças pela dominação do mundo – o nazismo.

Desta forma, pensando nos conflitos existentes da nossa sociedade, de ordem social, política, econômica, religiosa, entre outras, surgiu o interesse pelo fenômeno de intolerância à diferença do outro e como consequência a segregação e na máxima aniquilação do outro. Esta pesquisa teve início em 2008, durante a graduação do curso de Psicologia, e parte dela foi concluída e apresentada em 2009 como trabalho de conclusão de curso – TCC, para obtenção do título de psicólogo, sob o título: Nazismo, a Eugenia e a Psicanálise: os dois senhores que nos habita”, que investigou através do arcabouço da Psicanálise o fenômeno da eugenia.

Durante o percurso da pesquisa, suscitaram nas entrelinhas da mesma, questões que implicariam em novos e amplos estudos, no qual naquele momento não se incumbiu de realizá-las, em que acredita-se que o presente trabalho possa avançar em algumas delas, sobretudo pela obtenção de conhecimento adquirido no curso de especialização em Teoria Psicanalítica.

Para tanto, faz-se necessário debruçar-se sobre conceitos freudianos não abordados na primeira etapa, essenciais para a compreensão do que do humano mantém as práticas de segregação. Sendo assim, o presente trabalho, parte do pressuposto de que o conceito psicanalítico de “narcisismo das pequenas diferenças” possa aprofundar a investigação sobre o fenômeno de intolerância à diferença do outro.

Diante disso, algumas questões foram levantadas e irão permear esta discussão, pois nos remete a questionar quando à diferença torna-se intolerante no psiquismo e aniquilamos o outro; e mais o que pode contribuir a clínica psicanalítica? Isso posto, iremos examinar como este conceito desenvolveu-se ao longo do pensamento freudiano e sua relação com a destrutividade.

Dividimos esta reflexão em três partes, que marcam sobretudo, no primeiro e segundo capítulo, a diferenciação da unidade do eu e da massa, em que o nascimento do eu cria o não-eu (raiva do outro), que arriscamos dizer, inaugura a primeira antítese, isto é, o par de opostos. Assim, no capítulo I, sob o título: A tirania do “ideal de eu”, iremos trazer conceitos como narcisismo, mecanismo da identificação, os vínculos que mantêm a coesão de um grupo, como elementos importantes para a compreensão do fenômeno, no qual debruça-se esta reflexão. No capítulo II, sob o título: Freud e a intolerância à diferença do outro, veremos como Freud aprofunda esses conceitos e articula o conceito de narcisismo das pequenas diferenças com a agressividade, em que compreende-se que o sujeito permanecer na sua condição narcísica pode ser um fator de segregação, pois para a Psicanálise a exclusão encontra-se na origem da constituição do humano. Para Reino e Endo (2011), o narcisismo

das pequenas diferenças seria uma construção antitética, pois junta em uma mesma expressão termos opostos: narcisismo e diferença.

E para discutir e refletir sobre tais questões, é que no capítulo III, sob o título: A Psicanálise na civilização, que incumbimos a Psicanálise para desempenhar tal papel, ou seja, compreendemos que a mesma pode e deve engajar-se para responder tais questões e propor possibilidades para enfrentar o mal-estar inerente ao processo civilizatório. E, através disso, lançar luz sobre questões que supomos serem fundantes para se pensar o estatuto da Psicanálise enquanto saber e formador de conhecimento.

Para ilustrar e enriquecer esta discussão, iremos utilizar em cada capítulo, obras retiradas da internet (google imagens), do pintor surrealista belga René Magritte (1898-1967), por compreender que a arte tem um valor na representação simbólica das inquietações humanas. No capítulo I e II, escolhemos duas obras com ênfase sobre o tema do “duplo”¹, são elas: “*O Duplo Secreto*”, 1927 (original “*Double Secret*”) e “*Reprodução Proibida*”, 1937 (original “*Reproduction Interdite*”) para ilustrar que o “duplo” é ao mesmo tempo idêntico e diferente do original e provoca reações ambivalentes, ou seja, reconhecimento e estranhamento, de amor e ódio. E para ilustrar o capítulo III, escolhemos a obra “*O terapeuta*”, 1941 (original “*La thérapeute*”), para representar a discussão com os psicanalistas.

Contudo, consideramos importante retomar, que as reflexões propostas neste trabalho, têm por finalidade demonstrar que, embora algumas questões pareçam antigas, elas tomam outras dimensões e movimentam a psicanálise, pois os questionamentos freudianos tornaram-se questões fundamentais e inerentes ao humano concomitantemente à civilização.

¹ Freud em 1919, aborda o tema “duplo”, em seu texto “*O inquietante*” (trazido também como “*O estranho*” pela editora Imago, cujo título original é “*Unheimliche*”). Ele afirma que apesar do duplo nos parecer estranho a nós mesmos, nos acompanha de tempos primitivos do funcionamento psíquico, pronto para ressurgir e provocar uma sensação de inquietante estranheza.

METODOLOGIA

Para investigar o fenômeno de intolerância à diferença do outro, o método deste trabalho desenvolveu-se exclusivamente no campo teórico, utilizando textos freudianos e comentadores que buscaram pensar e conceituar o que é pertinente ao tema, utilizando a análise textual como metodologia adequada.

O método consistiu no levantamento bibliográfico das obras de Freud, sobretudo, sobre a problemática da cultura, que articula a importância do outro na constituição do sujeito, o embate pulsional e o processo civilizatório. Como por exemplo, os textos “*Psicologia das massas e análise do eu*” (1921), “*O Mal-estar na civilização*”(1930), entre outros, assim como comentadores e instrumentos auxiliares (dicionários de Psicanálise, como por exemplo, Laplanche e Pontalis). As obras utilizadas tiveram como finalidade, buscar conceitos, levantar reflexões, extrair princípios e, sobretudo, propor uma investigação sob o enfoque psicanalítico, com o objetivo de demonstrar o que é inerente ao humano.

O levantamento bibliográfico compôs a primeira etapa e planejamento deste projeto, e foi acompanhado e desenvolvido por orientações do Prof. Dr. Pedro Luiz Ribeiro de Santi, que viabilizaram a compreensão dos conceitos psicanalíticos com o tema em questão, compondo a análise e considerações deste estudo.

O presente trabalho também tem por finalidade a apresentação do mesmo à Cogea/PUC-SP, referente a Monografia de conclusão do Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Teoria Psicanalítica, para obtenção do título de especialista.

CAPÍTULO I

A TIRANIA DO “IDEAL DE EU”



“Reprodução Proibida”, 1937 - René Magritte.

1.1 Narcisismo

O conceito de narcisismo, introduzido por Freud em 1914, trouxe uma nova perspectiva para a sexualidade e foi importante para repensar a teoria pulsional. O estudo deste conceito foi uma resposta de Freud ao fenômeno psicótico, em que concluiu-se que o narcisismo encontra-se em todas as estruturas e não se limita a uma atividade perversa, é uma fase no desenvolvimento da sexualidade infantil, entre o auto-erotismo e a escolha do objeto, em que há um investimento em si próprio, não de caráter egoísta, mas é amar a si próprio.

Para Estêvão (2003), é praticamente unânime entre os comentadores que a introdução do conceito de narcisismo inicia um novo desenvolvimento da questão crucial das pulsões. Ainda segundo o autor, o narcisismo é utilizado por Freud desde 1909, numa reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena e apresentado em uma nota de rodapé na segunda edição do texto *“Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”* de 1910, seguindo no mesmo ano, no texto de *“Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância”*. Aparecendo depois no *“Caso de Schreber”*, de 1911, e em 1913 *“Totem e Tabu”*, sendo formalmente apresentado em 1914, no texto *“Introdução ao Narcisismo”*.

Freud em 1909 já colocava o narcisismo como uma fase entre o auto-erotismo e a escolha de objeto, e em 1910, na nota dos *“Três Ensaio”*, ele aparece como regulador da escolha de objeto homossexual e no *“caso Schreber”* em 1911, aparece conciliando os dois, retomando o narcisismo como uma fase intermediária entre o auto-erotismo e a fase de escolha de um objeto exterior mas situando-o como crucial na escolha de objeto homossexual, em que há uma preparação para a sexualidade adulta, em que a criança sai da fase autoerótica para escolher o próprio corpo como objeto inicial, servindo de protótipo para a escolha objetal posterior; como ele desenvolve também na análise de *“Leonardo da Vinci”*, também em 1910 (Estêvão, 2003). Freud (1911) coloca no trecho a seguir:

“Pesquisas recentes chamaram nossa atenção para um estágio, no desenvolvimento da libido, pelo qual se passa no caminho do autoerotismo ao amor objetal. Ele foi chamado de Narzissismus; eu prefiro o termo Narzißmus, talvez menos correto, porém mais curto e que soa melhor. Ele consiste no fato de o indivíduo em desenvolvimento, que unificou seus instintos sexuais que agem de forma autoerótica, a fim de obter um objeto de amor, primeiramente toma a si, a seu próprio corpo, como objeto de amor, antes de passar à escolha de objeto de outra pessoa como objeto. Uma tal fase mediadora entre autoerotismo e escolha objetal talvez seja imprescindível normalmente; parece que muitas pessoas ficam nela retidas por um tempo insolitamente longo, e que muita coisa desse estado persiste em estágios posteriores de desenvolvimento. Nesse Eu-mesmo tomado como objeto de amor, os genitais podem já ser a coisa principal. O

prosseguimento desse caminho leva à escolha de um objeto com genitais semelhantes; ou seja, através da escolha objetual homossexual, até à heterossexualidade” (P.80 e 81).

Segundo Laplanche e Pontalis (2001), embora Freud já fizesse uso do conceito de narcisismo antes deste estudo de 1914, é a partir deste texto que ele irá, no conjunto da teoria psicanalítica, considerar particularmente os investimentos libidinais. O narcisismo já não surge como uma fase evolutiva, mas como uma estase da libido que nenhum investimento de objeto permite ultrapassar completamente.

Outro ponto importante é que Freud (1914) “*enxerga em largos traços*”, uma oposição entre a libido do Eu e libido do objeto, estabelecendo um equilíbrio como mostra esta passagem:

“Quanto mais se emprega uma, mais empobrece a outra. A mais elevada fase de desenvolvimento a que chega esta última aparece como estado de enamoramento; ele se nos apresenta como um abandono da própria personalidade em favor do investimento de objeto, e tem seu contrário na fantasia (ou autopercepção) de fim do mundo dos paranóicos. Por fim concluímos, quanto a diferenciação das energias psíquicas, que inicialmente estão juntas no estado do narcisismo, sendo indistinguíveis para nossa grosseira análise, e que apenas com o investimento do objeto se torna possível distinguir uma energia sexual, a libido, de uma energia dos instintos do Eu” (P.17 e 18).

Segundo Estêvão (2003), a introdução do conceito de narcisismo têm dois pontos importantes a serem destacados. O primeiro é que o narcisismo é aquele que inicia a imagem de si, e que segundo o autor coloca pela primeira vez, a identificação como mecanismo de constituição. Para Freud (1914), a relação entre o narcisismo e o autoerotismo (descrito como estágio inicial da libido), é uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo do indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido, mas para ele, os instintos autoeróticos são primordiais, e que deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, isto é, uma nova ação psíquica para que se forme o narcisismo. O segundo ponto destacado pelo autor (2003), é que a criança ao passar de uma fase auto-erótica para a narcísica, ela continua a obter prazer com seu corpo mas as pulsões já não visam zonas-erógenas em separado como unidades independentes, mas sim um objeto único, o eu. O que implica dizer que não pode haver investimento no eu sem o surgimento do próprio o que diretamente implica num princípio da imagem de si, obtendo-se à passagem do auto-erotismo para a escolha de objeto.

O surgimento do narcisismo se deu também para explicar a escolha de objeto nos homossexuais, que segundo Laplanche e Pontalis (2001), o termo narcisismo aparece pela primeira vez em Freud em 1910 para fornecer tais explicações, conforme já citado. Portanto, o estudo do narcisismo foi conduzido por algumas vias de acesso: a esquizofrenia (ou parafrenia, termo utilizado no texto), a doença orgânica, a hipocondria, o sono e a vida amorosa dos sexos, ou seja, nos casos em que retira-se os investimentos libidinais do mundo externo de volta para o Eu. Segundo Estêvão (2003), a questão da escolha de objeto homossexual também proporcionou que Freud dissesse que o narcisismo não é algo que diz respeito à neurose mas sim a um mecanismo normal.

Para tanto, Freud (1914) irá referir-se a dois tipos de escolha de objeto: “*tipo de apoio*” e “*tipo narcísica*”. Segundo Laplanche e Pontalis (2001), a escolha de objeto “*por apoio*”, é o tipo de escolha que o objeto de amor é eleito a partir do modelo das figuras parentais encarregadas da alimentação, cuidados e proteção; e fundamenta-se no fato de que as pulsões sexuais se apoiarem originalmente nas pulsões de autoconservação, como Freud (1914) apresenta no trecho a seguir:

“As primeiras satisfações autoeróticas são experimentadas em conexão com funções vitais de autoconservação. Os instintos sexuais apoiam-se de início na satisfação dos instintos do Eu, apenas mais tarde tornam-se independentes; mas esse apoio mostra-se ainda no fato de que as pessoas encarregadas da nutrição, cuidado e proteção da criança tornarem-se os objetos sexuais, ou seja, a mãe ou quem a substitui” (p.32).

E para contrapor o “*tipo de escolha de objeto por apoio*” Freud (1914) irá falar sobre o “*tipo de escolha narcísica de objeto*”, observado especialmente em pessoas cujo desenvolvimento libidinal sofreu perturbações, como pervertidos e homossexuais, em que não escolhem seu posterior objeto de amor segundo o modelo da mãe, mas conforme o da própria pessoa, buscando em si mesmas como objeto amoroso; o que para Freud achou-se o mais forte motivo que o levou a hipótese do narcisismo.

Contudo, para Freud (1914) os dois tipos de escolha de objeto, “*narcísico*” ou “*de apoio*”, para cada pessoa ficam abertos os caminhos da escolha de objeto, sendo que um ou outro pode ter a preferência, pois para ele o ser humano tem originalmente dois objetos sexuais, “*ele próprio e a mulher que o cria*”, em que o narcisismo primário de todo indivíduo pode eventualmente se expressar de maneira dominante em sua escolha de objeto.

Com isso, é neste texto também que Freud (1914) irá introduzir uma importante expressão, que irá contribuir para a magnitude do conceito de narcisismo: “*ideal de Eu*”.

Laplanche e Pontalis (2001) apresentam-na como uma *“instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações dos pais com seus substitutos e com os ideais coletivos”* (P.222). Para Freud (1914), os impulsos instintuais da libido sofrem o destino da repressão, quando entram em conflito com as idéias morais e culturais do indivíduo vindas do Eu; em que para o Eu, a formação do ideal seria a condição para a repressão. Ele aponta no trecho a seguir:

“ A esse ideal do Eu dirigiu-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição. Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pode mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal de Eu” (p.40).

Segundo Laplanche e Pontalis (2001), a expressão *“ideal de Eu”*, utilizada por Freud em 1914, aparece para designar uma formação intrapsíquica relativamente autônoma que serve de referência ao ego para apreciar as suas realizações afetivas e sua origem é principalmente narcísica; em que o estado de narcisismo é abandonado principalmente em razão da crítica que os pais exercem em relação à criança. Para Freud (1914) o homem *“projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido na infância, na qual ele era seu próprio ideal”* (P.40). Essa instância chamada de *“ideal de Eu”*, segundo Enriquez (1991), atribui-se a auto-observação, a consciência moral, a censura dos sonhos e o exercício de influência essencial do recalque.

Diante disso, Freud (1914) aponta uma importante reflexão sobre a relação entre a formação de ideal e a sublimação, em que haver trocado seu narcisismo pela veneração de um elevado ideal de Eu não implica ter alcançado a sublimação de seus instintos libidinais; embora o ideal do Eu requeira tal sublimação, não pode forçá-la, pois a mesma continua sendo um processo particular, cuja iniciação pode ser instigada pelo ideal, mas cuja execução permanece independente da instigação. A formação de ideal aumenta as exigências do Eu e é o que mais favorece a repressão, e a sublimação representa a saída para cumprir a exigência sem ocasionar a repressão.

Segundo Freud (1914), o desenvolvimento do Eu consiste num distanciamento do narcisismo primário, gerando um intenso esforço para reconquistá-lo, em que esse distanciamento ocorre através do deslocamento da libido para um ideal do Eu imposto de fora, e as satisfações ligadas a objetos, assim como pelo cumprimento do ideal. Sendo assim,

o “*ideal de Eu*” deixa em condições difíceis a satisfação libidinal dos objetos, na medida em que seu censor rejeita parte deles como intolerável. Sendo este, um elemento importante para a compreensão da intolerância à diferença do outro, conforme será desenvolvido nos itens posteriores e aprofundado no capítulo II desta discussão.

Nesse sentido torna-se explícito como coloca Freud (1914), a importância do “ideal de Eu” no entendimento da psicologia das massas, pois além do seu lado individual, ele tem o social, é também o ideal comum a uma família, uma classe, uma nação, que liga não apenas a libido narcísica, mas também, segundo ele, um montante considerável da libido homossexual de uma pessoa, que por essa via retorna ao Eu.

Em função disso, o item posterior (O mecanismo de identificação) ao conceito de narcisismo irá debruçar-se sobre o mecanismo da identificação com profundidade para complementar essa discussão.

E para finalizarmos, consideramos importante destacar com Estêvão (2003), que o conjunto de fatos clínicos colocados por Freud no texto “*Introdução ao Narcisismo*” de 1914, como a escolha de objeto homossexual, a parafrenia, a doença orgânica, o sono, a hipocondria, a escolha de objeto narcisista, a instância do *ideal de eu*, acabam por impor o conceito e são o suficiente para supor que o narcisismo é mais do que um mecanismo psíquico, ele é mesmo uma fase do desenvolvimento libidinal normal.

1.2 O mecanismo de identificação

Em “*Psicologia das massas e análise do eu*” de 1921, Freud postula que, a finalidade de um tratamento psíquico de um indivíduo não pode ser dissociada do social, pois implicaria supor um indivíduo independente da realidade que o cerca, ou seja, o nível social:

“ É certo que a psicologia individual se dirige ao ser humano particular, investigando os caminhos pelos quais ele busca obter a satisfação de seus impulsos instintuais, mas ela raramente, apenas em condições excepcionais, podem abstrair das relações deste ser particular com os outros indivíduos. Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e portanto a psicologia individual é também, desde o início, a psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado.” (p.14).

No trecho citado acima, Freud destaca a importância do outro para nos constituirmos enquanto sujeito, para Enriquez (1991), “*desde o início*”, significa que o sujeito constitui-se como tal pela existência do outro, e é pelo fato deste outro nos amar, falar e olhar que nós

existimos enquanto sujeito humano. Ainda segundo o autor, isso ocorre quando somos reconhecidos pelos outros, inicialmente por nossos “*primeiros objetos*”, tendo como consequência a constituição do nosso psiquismo (id, ego, superego, ideal de ego). Mas, o homem só existe quando há investimento afetivo, pois é este movimento que constitui o outro como outro, e o sujeito como sujeito, pois é o dom de amor dos pais à criança que lhe concede a forma humana, e é o investimento afetivo da criança para com seus pais que os torna “*outros*”, pessoas as quais é possível identificar-se e amar.

Segundo Estêvão (2003), Freud apresenta a questão das influências da cultura sobre o indivíduo, no texto “*Totem e Tabu*”, em 1913, ganhando grande importância, e para ele, nunca mais deixou de ter, no texto “*Introdução ao Narcisismo*” de 1914, apresentando pela primeira vez outro diferencial importante, a possibilidade do eu dividir-se em instâncias. Segundo o autor (2003), é em “*Totem e Tabu*”, que Freud supõe o mito da horda primeva e do Grande Pai como o instaurador do tabu de incesto e iniciador da cultura, em que a partir do assassinato do Pai, os indivíduos seriam obrigados a recalcar uma gama de desejos, possibilitando a vida coletiva, portanto, a norma básica da cultura, é a proibição do incesto, mas que o indivíduo não nasce atravessado por essa norma, ela é imposta, evidenciado pelo conceito de narcisismo.

Sendo o narcisismo, uma fase obrigatória do desenvolvimento do indivíduo, em que toda a libido era investida no eu, na passagem do narcisismo para a fase genital, em que há investimento da libido nos objetos, Freud não consegue sustentar que toda essa libido do eu possa se converter em libido de objeto, através dos fenômenos considerados normais, como as escolhas de objeto narcísica feitas por certos indivíduos; pois há resquícios da libido do eu mesmo nas pessoas normais o que leva a suposição de que talvez isso ocorra com todos, ou seja, os resquícios do narcisismo sobram em qualquer um (Estêvão, 2003).

Portanto, é na passagem da posição narcísica para a sexualidade genital, que os predicados culturais se instalam, formando-se o “ideal de eu” (conforme descrito no item anterior desta discussão), que é a instância que serve de referência para que se opere o recalque, sendo o processo de retorno da libido do eu, fundamental para a compreensão do mecanismo de identificação (Estêvão, 2003).

Nesse sentido, Enriquez (1991) aponta os processos narcisistas, como um fenômeno importante para esta reflexão, e retoma em textos de Freud, como “*Além do Princípio do*

Prazer” (1920)², *“Totem e tabu”* (1913) e *“Introdução ao Narcisismo”* (1914), conceitos para tecer considerações a respeito. Segundo o autor (1991), em *“Além do Princípio do Prazer”*, Freud afirmou a existência das pulsões de morte ao lado das pulsões de vida – segundo quadro da teoria das pulsões -, em que indica que a satisfação não emana somente da redução das tensões consecutivas à realização do desejo, mas pode também se encontrar na repetição de atos catastróficos e mortíferos. No texto *“Totem e Tabu”* já havia mostrado que a “onipotência de pensamento” está associada à supervalorização egóica nos povos primitivos e em *“Introdução ao Narcisismo”*, Freud salientou que o próprio ego é investido pela libido. Diante do exposto, ele levanta a hipótese de que existe algo irreduzível à presença “do outro”, qualquer que sejam a influência e a importância “do outro” específicos.

Contudo, para Enriquez (1991), deve-se admitir que mesmo se o indivíduo tivesse vivido uma outra história pessoal, participado de outros modos de relações afetivas com seu ambiente, ele será sempre, em qualquer circunstância, uma presa do desejo de onipotência e do desejo de morte; pois deste modo, a personalidade repousa sobre um pedestal narcísico que constitui um componente da libido, o qual não é privilégio dos primitivos animistas, em que a compulsão à repetição não é somente expressão de um distúrbio patológico, pois ela também é um dos paradigmas da pulsão de morte em sua vertente de anulação da temporalidade e da diferença.

Diante disso, pensando no narcisismo infantil, segundo Estêvão (2003), entende-se que no *ideal de eu*, os predicados culturais não vão coexistir mas sim substituí-lo, pois a perda da posição narcísica é compensada pela entrada dos ideais culturais, em que o eu infantil deixa de ser investido para que se possa investir no *ideal de eu*; o indivíduo troca sua ilusão infantil de onipotência, contraria ao princípio de realidade, por uma possibilidade, ideal, de perfeição cultural. Freud em 1914 aponta essa passagem dos pais para o coletivo: *“A consciência de culpa foi originalmente medo de castigo dos pais, mais corretamente, da perda do seu amor; o lugar dos pais foi depois tomado pelo indefinido número de companheiros”* (P.50).

Dessa forma, frente à todos esses elementos, se faz necessário uma melhor compreensão sobre o importante mecanismo de identificação, que Freud dedicou um capítulo para sua análise, em *“Psicologia das massas e análise do eu”*, de 1921, em que inicia dizendo: *“A psicanálise conhece o conceito de identificação como a mais antiga*

² *“Além do Princípio do Prazer”*, de 1920, é o texto em que Freud modificou sua teoria dual das pulsões, que consistia na divisão entre *“pulsões de autoconservação”* e *“pulsões sexuais”*, postulando um novo dualismo pulsional, *“pulsão de vida”* (Eros) e *“pulsão de morte”* (Tânatos).

manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa” (P.60). Neste texto, para Enriquez (1991), Freud não se interessa pela definição desse mecanismo apenas para compreender a vida dos grupos, mas principalmente para a compreensão do funcionamento do psiquismo, já que a identificação desempenha um papel importante na formação do *Complexo de Édipo*, complexo nuclear por excelência trabalhado por Freud.

Laplanche e Pontalis (2001), também afirmam que na obra freudiana, o conceito de identificação assumiu progressivamente o valor central que faz dela, mais do que um mecanismo psicológico entre outros, é a operação pela qual o sujeito se constitui, em que essa evolução tem relação direta principalmente com a colocação em primeiro plano do *Complexo de Édipo* em seus efeitos estruturais, e também com a remodelação introduzida pela segunda teoria do aparelho psíquico, em que as instâncias que se diferenciam a partir do *id* são especificadas pelas identificações de que derivam. Os autores apresentam o conceito como um:

“ Processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo do outro. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações.” (p.226).

Segundo Laplanche e Pontalis (2001), o conceito de identificação é enriquecido por diversas contribuições, como no texto *“Introdução ao Narcisismo”* de 1914, em que Freud esboça a dialética que liga a escolha narcísica de objeto (conforme descrito no item acima), em que o objeto é escolhido segundo o modelo da própria pessoa, à identificação, em que o sujeito, ou qualquer das suas instâncias, é constituído segundo o modelo de seus objetos anteriores, como pais, pessoas do meio. Mas, é no capítulo VII, do texto *“Psicologia das massas e análise do Eu”* (1921), que Freud faz a exposição mais completa do conceito de identificação.

Para Freud (1921), é no surgimento do Complexo de Édipo, que percebe-se a ambivalência da identificação, pois pode tornar-se tanto expressão de ternura como desejo de eliminação. Visto que, comporta-se como um derivado da primeira fase, a *“fase oral”* da organização da libido, na qual o indivíduo incorporou, comendo o objeto desejado e estimado, e assim, o aniquilou enquanto objeto. Assim, no caso do Complexo de Édipo sofrer uma inversão, em que o pai numa postura feminina, seja tomado como objeto do qual os instintos diretamente sexuais esperam sua satisfação, a identificação com o pai se torna precursora da ligação objetal ao pai. Desta forma, na identificação com o pai, ele é aquilo que se gostaria de

“*ser*”; e na escolha do pai como objeto, ele é aquilo que se gostaria de “*ter*”, portanto, depende de que a ligação recaia no sujeito ou no objeto do “*Eu*”. Segundo Freud, a identificação se empenha em configurar o próprio Eu à semelhança daquele tomado por “*modelo*”.

No caso da identificação numa formação neurótica de sintomas, Freud (1921) aponta que “*a identificação tomou o lugar da escolha de objeto, e a escolha de objeto regrediu à identificação*” (P.63), e que nessas circunstâncias da formação de sintomas, isto é, da repressão, e do predomínio dos mecanismos do inconsciente, sucede com frequência que a escolha de objeto se torne novamente identificação, ou seja, que o Eu adote características do objeto, em que o Eu às vezes copia a pessoa não amada, outras vezes a amada. E ressalta que nos dois casos descritos, a identificação seja parcial, altamente limitada, tomando apenas um traço da pessoa-objeto.

Freud (1921), ainda destaca um terceiro caso de formação de sintomas, segundo ele, frequente e significativo, em que a identificação desconsidera totalmente a relação objetal com a pessoa copiada, o mecanismo é aquele baseado em querer ou poder colocar-se na mesma situação, um Eu percebeu no outro uma analogia significativa em certo ponto e constrói-se uma identificação nesse ponto, e sob influência da situação patogênica essa identificação se desloca para o sintoma que o Eu produziu, desse modo, a identificação através do sintoma vem a ser, o indício de um local de coincidência dos dois Eus, que deve permanecer reprimido.

Diante do exposto, Freud (1921) afirma que, primeiro a identificação é a mais primordial forma de ligação afetiva a um objeto; em segundo, que por via regressiva ela se torna o substituto para uma ligação libidinosa, como que através da introjeção do objeto no Eu e em terceiro, que ela pode surgir a qualquer nova percepção de algo em comum com uma pessoa que não é objeto dos instintos sexuais, pois quanto mais significativo esse algo em comum, mais sucedida deverá ser essa identificação parcial, correspondendo assim ao início de uma nova ligação.

Nesse momento, limitando-se às consequências afetivas imediatas da identificação, Freud (1921) conjectura que a ligação recíproca dos indivíduos da massa é de natureza dessa identificação, através de algo afetivo importante em comum, e que este esteja no tipo de ligação com o líder.

A compreensão do conceito de identificação se deu também através da gênese da homossexualidade masculina e na análise das melancolias, no caso destas começa a ser citado no texto “*Luto e Melancolia*”, publicado por Freud em 1917, pois nesta o que salta aos olhos

para Freud (1921), é que ela muda o Eu num ponto extremamente importante, no caráter sexual, segundo o modelo do que até então fora o objeto, e nisto se renuncia ao próprio objeto, ou seja, a identificação se dá com o objeto renunciado ou perdido, como substituição para o mesmo e a introjeção desse objeto no Eu, como no caso das melancolias, em que a perda real ou afetiva do objeto amado.

Em especial no caso das melancolias, Freud (1921) aponta que elas nos mostram um Eu dividido, decomposto em dois pedaços, um dos quais se enfurece com o outro, em que esse outro pedaço é aquele transformado pela introjeção, e que contém o objeto perdido e a consciência moral, uma instância crítica do Eu, que Freud irá chamar de “*ideal de eu*” e irá lhe atribuir funções como autoconservação, consciência moral, censura do sonho e principal influência na repressão. No trecho a seguir ele diz:

“Dissemos que é a herdeira do narcisismo original, em que o Eu infantil bastava a si mesmo. Gradualmente ela acolhe, das influências do meio, as exigências que este coloca ao Eu, as quais o Eu nem sempre é capaz de cumprir, de modo que o indivíduo, quando não pode estar satisfeito com seu Eu em si, poderia encontrar satisfação no ideal do Eu que se diferenciou do Eu. Constatamos, além disso, que no delírio de observação se torna patente a decomposição dessa instância, desvelando sua origem nas influências das autoridades, sobretudo dos pais. Mas não deixamos de acrescentar que a medida da distância entre ideal do Eu e o Eu real varia bastante de um indivíduo para o outro, e que em muitos essa diferenciação no interior do Eu não é maior do que a criança.” (p.68).

Portanto, segundo Estêvão (2003), o mecanismo de identificação é uma forma de introjetar características de objetos no eu, incorporando-os, ou seja, neste processo há a possibilidade de o eu estabelecer como parte de si algo que pertence a um objeto. Para Freud (1921), o processo de identificação é um importante elemento para a compreensão da organização libidinal da massa, mas é necessário considerar algumas outras relações mútuas entre o objeto e o Eu (conforme vamos nos aprofundar no próximo item) e coloca em um nota de rodapé, que:

“ Há um caminho que da identificação, através da imitação, leva à empatia, isto é, a compreensão do mecanismo pelo qual se torna possível, para nós, tomar uma posição ante outra vida psíquica. Também há muito a ser explicado quanto às manifestações de uma identificação existente. Uma consequência desta, entre outras, está em que o indivíduo limita a agressividade frente à pessoa com a qual se identificou, poupa esta e lhe dá ajuda .” (p.68).

1.3 A coesão de um grupo

Embora tenha sido pouco consensual no movimento psicanalítico, os textos *“Totem e Tabu”* (1912-1913) e *“Psicologia das Massas e Análise do Eu”* (1921), são relevantes exemplos e fazem parte de um conjunto de textos freudianos sobre a problemática da cultura, em que Freud debruça-se sobre a importância do outro na constituição do sujeito e sua relação com a sociedade marcada por esta. No percurso da obra freudiana, constata-se que em seu texto *“Totem e Tabu”*, Freud inaugura sua teoria do pensamento social e da cultura, retomado plenamente e aprofundado em 1921, em *“Psicologia das Massas e Análise do Eu”*, em que ele de fato indica que *“a psicologia individual é ao mesmo tempo uma psicologia social”*, manifestando interesse pelos fenômenos de massa.

No texto publicado em 1913, *“Totem e Tabu”*, Freud busca nos primórdios da humanidade, ou seja, nos traços arcaicos da vida psíquica dos primitivos, encontrar através de temas como o totemismo, assassinato do pai da horda e da refeição totêmica, o surgimento dos tabus do incesto, exogamia e parricídio, a origem da cultura e a constituição moral no sujeito e nos grupos sociais. Podemos afirmar com Koltai (2010), que é principalmente nesta obra que Freud estabelece a analogia entre filogênese e ontogênese, entre os processos de desenvolvimento que atingem a espécie e os que atingem cada ser humano em particular, pois tenta encontrar no sistema totêmico compreensões para o homem civilizado e neurótico, paralelo também ao funcionamento psíquico infantil, já que constatou no decorrer das análises individuais, vestígios desse sistema nos costumes modernos. Ainda segundo a autora, é com este texto que Freud acrescenta dois novos temas a antropologia de sua época, a lei moral e a culpa, em que no lugar da origem, um ato real, o assassinato do pai; e no lugar do horror do incesto, a interiorização da proibição, um ato simbólico por excelência, permitindo-lhe uma nova definição da universalidade do incesto e da gênese das sociedades humanas.

À partir desses dois grandes textos, podemos refletir sobre a importância que a cultura têm na constituição do sujeito, em que a subjetividade se constitui no encontro com o outro. Segundo Enriquez (1991), o outro só existe enquanto existe para nós, o que significa que uma forma de ligação, como identificação, amor, solidariedade, hostilidade, é indispensável para construir aquilo que é um outro, portanto, é preciso a existência de um vínculo libidinal, pois o outro não é um ser indiferente ou um ser totalmente distante de nós, diferente do chefe da horda que não pode ser vivido como outro, apenas depois de morto ele é transformado em pai; assim a psicologia social é o estudo das formas de alteridade, que deve criar seu lugar, sendo este essencial aos investimentos afetivos, sem os quais nenhum grupo organizado chegará a se

constituir.

Para Freud (1921), quando se fala em psicologia social ou de massas, existe o hábito de abstrair as relações com os pais e irmãos, a amada, o amigo, o professor e o médico, e isolar como objeto de investigação a influência que um grande número de pessoas exerce simultaneamente sobre o indivíduo, pessoas às quais ele se acha ligado de algum modo, mas em muitos aspectos elas lhe podem ser estranhas, portanto, para ele *“a psicologia de massa trata o ser individual como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição, ou como parte de uma aglomeração que se organiza como massa em determinado momento, para um certo fim”* (P.15).

Nesse sentido, do ponto de vista social, podemos fazer referência ao IV Ensaio *“O retorno do totemismo na infância”*, de *“Totem e Tabu”* (1913), em que Freud apoiado nas obras de Taylor, Spenser, Fraser, Wundt e Marret, destaca dentro dos tipos de *“totens”* a importância do *“totem do clã”*, como podemos ver no trecho a seguir:

“ O clã espera proteção e cuidado da parte de seu totem [...]. O aspecto social do totemismo expressa-se, antes de tudo, num mandamento rigoroso e numa restrição enorme. Os membros de um clã são irmãos e irmãs, comprometidos a ajudar-se e proteger-se mutuamente. No caso de um membro do clã ser assassinado é responsável pelo ato, e o clã da vítima é solidário na exigência de expiação pelo sangue derramado. Os laços do totem são mais fortes que os laços de família no nosso sentido; não coincide com estes, pois a transmissão do totem se dá, via de regra, pela linhagem da mãe, e originalmente a linhagem do pai nem fosse reconhecida” (p. 162 e 163).

Segundo Koltai (2010), o *“IV Ensaio”* é o ato de nascimento da metapsicologia social freudiana, por meio da hipótese genealógica da cultura e intermédio da união efetuada entre totemismo e tabu, levando à proibição universal do incesto. Ainda segundo a autora, o totemismo consistia, do ponto de vista religioso, nas relações de respeito mútuo entre o primitivo e seu totem, manifesto nas proibições que seus descendentes impunham a fim de protegê-lo e, do ponto de vista social, nas obrigações recíprocas existentes tanto entre os membros de um clã quanto das tribos entre si, em que obrigava os membros de um clã a se protegerem mutuamente, ao mesmo tempo em que se proibia de se relacionarem sexualmente entre si, manifestando-se a exogamia clânica, consequência da fobia do incesto.

Frente a esses elementos, surge como questão: o que mantém a coesão de um grupo? No que diz respeito aos fenômenos de massa, Freud (1921), apoiado nos autores Le Bon e McDougall, diz que o indivíduo sujeito à influência dos grupos é contagiado pela elevação da afetividade e permite ter seu juízo intelectual inibido. Segundo Estêvão (2003), são dois

pontos importantes para a teoria psicanalítica, em que Freud coloca sua posição de que o recalque é o resultado da repressão cultural a que o indivíduo está submetido, portanto, conclui-se que a inibição de juízo intelectual que o grupo permite é justamente a inibição do recalque que ocorre em função de repressão cultural. Para definir as características da massa, Freud escreve segundo Le Bon:

“ A massa é impulsiva, volúvel e excitável [...]. Não tolera qualquer demora entre o seu desejo e a realização dele. Tem o sentimento de onipotência; a noção do impossível desaparece para o indivíduo na massa [...]. Os sentimentos da massa são sempre muito simples e exaltados. Ela não conhece dúvida nem incerteza [...]. Como a massa não tem dúvidas quanto ao que é verdadeiro ou falso, e tem consciência da sua enorme força, ela é, ao mesmo tempo, intolerante e crente na autoridade [...]. O que ela exige de seus heróis é fortaleza, até mesmo violência [...]. Mas as massas são também capazes, sob influência da sugestão, de elevadas provas de renúncia, desinteresse, devoção a um ideal”. (p. 25, 26 e 27).

Para Freud (1921), alguns traços da caracterização de Le Bon lançam luz sobre a validade de identificar a alma da massa com a dos povos primitivos, em que nas massas as idéias opostas podem coexistir e suportar umas às outras, sem que resulte um conflito de sua contradição lógica, comparando também com a vida anímica inconsciente dos indivíduos, das crianças e dos neuróticos, como há muito demonstrou a psicanálise, fazendo referência em uma nota de rodapé, sobre o terceiro ensaio do texto *“Três ensaios de uma teoria da sexualidade”* (1905), em que fala sobre o desenvolvimento da criança para o adulto e também a história do desenvolvimento de uma neurose no adulto e a coexistência de atitudes emocionais ambivalentes.

Pensando na vida anímica inconsciente, segundo Enriquez (1991), somos levados a pensar que a massa, em qualquer circunstância, se deixa guiar quase que unicamente pelo inconsciente, enquanto o indivíduo se guia unicamente pela razão, ou pelo menos reprime suficientemente suas tendências inconscientes, sob a condição de não as incorporar à massa, em que Freud indica que não somente o homem singular pode reprimir seu inconsciente, mas ele tem razão de fazê-lo, visto que o inconsciente aparece como o continente do mal e como um elemento de homogeneidade entre os seres, como no trecho a seguir:

“ Basta nos dizer que na massa o indivíduo está sujeito a condições que lhe permitem se livrar das repressões dos seus impulsos instintivos inconscientes. As características aparentemente novas, que ele então apresenta, são justamente as manifestações desse inconsciente, no qual se acha contido, em predisposição, tudo de mau da alma humana”. (p.21).

Contudo, a tentativa freudiana de interrogar-se sobre a horda, a massa, a organização, para Enriquez (1991), sustenta um discurso paradoxal, de que o homem criou desde o início de sua chegada à terra, as sublimações nas quais ele pensou ser bem-sucedidas, salvo a arte e a ciência, são ilusões que custam-lhe caro, pois tudo que o homem fez, sem vontade consciente, isto é, sem repressão, deixando-se levar por suas tendências inconscientes, só pode ser mau, visto escapar da consciência moral e ao sentimento de responsabilidade, em que qualquer que seja o rumo que tomem os fenômenos coletivos, estão fadados ao fracasso.

Com isso, ainda do que diz respeito à caracterização das massas, Freud (1921) destaca o “*poder mágico das palavras*”, como um elemento importante, já constatado em “*Totem e Tabu*” (1913), no qual faz referência em diversos momentos nas notas de rodapé, em que diz que “*a massa está sujeita ao poder verdadeiramente mágico das palavras, que podem provocar as mais terríveis tormentas na sua alma e também apaziguá-las*” (P.29); em que para isso, basta lembrar-se do tabu dos nomes entre os primitivos e as forças mágicas que para eles estão ligadas a nomes e palavras.

Para Koltai (2010), ao enfatizar o papel da magia na onipotência das idéias, Freud estava chamando atenção para uma idéia fundamental da teoria psicanalítica, a realidade psíquica, sustentada por um desejo inconsciente, constatando também que o primitivo só sabia pensar o mundo à sua imagem e semelhança, fazendo desaparecer tudo aquilo que não se coadunava com essa imagem, estabelecendo uma correlação entre onipotência do pensamento e narcisismo, entendido enquanto investimento libidinal em si próprio, em que o outro só existe como mero objeto de satisfação, e não em sua alteridade; permitindo traçar um novo paralelo entre as diferentes maneiras de conceber o mundo e o desenvolvimento da libido individual. Freud (1913) diz:

“ Se é ilícito vermos, na demonstrada onipotência de pensamentos entre os primitivos, uma evidência em favor do narcisismo, podemos arriscar uma comparação entre etapas de desenvolvimento da concepção humana do universo e os estágios de desenvolvimento libidinal do indivíduo. Então a fase animista corresponde, tanto cronologicamente como em termos de conteúdo, ao narcisismo; a fase religiosa, ao estágio de eleição de objeto, caracterizado pela ligação aos pais; e a fase científica tem sua plena contrapartida no estado maduro do indivíduo que renunciou ao princípio de prazer e busca seu objeto no mundo exterior, adequando-se a realidade”. (p.142).

Nesse sentido, para Enriquez (1991), alguns elementos como o poder mágico das palavras, o desaparecimento para os indivíduos da noção de impossibilidade, a instalação da certeza ao invés da busca de prazer, acarretam consequências, em que a massa opera a

conjugação entre certeza e saber, chegando a este resultado por seu próprio funcionamento, “*guiado pelo seu inconsciente*”, despertando em nós o processo primário, a força mistificadora do desejo, ao encontro do princípio de realidade; em que a massa, contrariamente, se compraz na mistificação, na satisfação “*alucinatória*”, na expressão de um narcisismo generalizado.

Portanto, a “neurose de massa” é uma amplificação da “neurose individual” consubstancial à própria condição humana, em que de modo algum ela pode parecer com um fenômeno de essência diferente, pois Freud nos leva a hipótese de que a massa só faz acentuar as forças que, habitualmente, guiam o indivíduo (Enriquez, 1991).

Em sua análise sobre os fenômenos de massa, Freud (1921) analisa duas massas artificiais, isto é, que requerem também uma coação externa para se manter, são primitivas, diferenciadas e altamente organizadas: a Igreja (toma a Igreja católica como modelo) e o Exército. Propõe que em ambas as organizações prevalece a ilusão de que há um chefe supremo e sua premissa necessária é que todos sejam amados igualmente por uma pessoa, o líder; Cristo, na igreja católica e general no Exército; ou seja, vivem a ilusão de que um líder os ama por igual. Portanto, segundo Enriquez (1991), Freud concebe o nascimento do grupo a partir de um ato de amor espontâneo por parte do personagem central, diferente em “*Totem e Tabu*”, em que o que derivou o nascimento de um grupo foi a “*recusa de amor*” ao chefe, que impõe aos filhos o comportamento de conspiradores e assassinos, assim, para a constituição do grupo são necessárias, de um lado, a presença de um chefe, de outro uma “*estrutura libidinal*”, unindo os membros do grupo ao chefe; tornando-se indispensável, que este viva a existência de um polo instaurador, idealizado, percebido como tendo uma outra essência.

Para Freud (1921), o líder é uma peça chave para o funcionamento de um grupo, pois os indivíduos estão ligados entre si e cada um ao líder, em que sua palavra exerce força fundamental nos movimentos de massa. Segundo Enriquez (1991), o chefe cria o mundo porque ele fala, pronunciando um discurso de amor, não importa se os ama, mas ao reforçar em cada um a crença em seu amor, autoriza assim o amor mútuo entre os membros do grupo. Sendo assim, é o chefe que se encontra na origem da ilusão, pois favorece em cada um o refúgio, ao invés da tensão da busca da verdade; o desejo de se acreditar amado, a manutenção de ídolos, e o narcisismo.

Permeado pelas questões de como o indivíduo age na massa e a explicação psicológica para sua transformação psíquica, Freud (1921), extrai ainda de Le Bon e McDougall, que o estado do indivíduo na massa, é um estado hipnótico, efeito de sugestão e contágio de

sentimentos e idéias, em que o líder e o afeto (efeito de contágio), ocupam um papel fundamental, pois quanto maior for a afetividade, o individual é renunciado em nome do coletivo, e por efeito da sugestão é que as massas imitam seu líder. Diante disso, Freud, inova ao introduzir a problemática da libido nesta análise da leitura das massas, pois é o amor que permite a criação e a permanência dos vínculos, ele diz:

“ Então experimentamos a hipótese de que as relações de amor (ou, expresso de modo mais neutro, os laços de sentimento) constituem também a essência da alma coletiva. Recordemos que os autores não fazem menção destes laços. O que corresponderia a eles está evidentemente oculto por trás da tela, do biombo da sugestão. Para começar, apoiaremos nossa expectativa em duas reflexões sumárias. Primeiro que evidentemente a massa se mantém unida graças a um poder. Mas a que poder deveríamos atribuir este feito senão a Eros, que mantém unido tudo o que há no mundo? Segundo, que temos a impressão, se o indivíduo abandona sua peculiaridade na massa e permite que os outros o sugestionem, que ele o faz porque existe nele uma necessidade de estar de acordo e não em oposição a eles, talvez, então, “por amor a eles”. ” (p. 45).

Desta forma, pensando nas ligações libidinais que caracterizam a massa, Freud (1921), aponta como testemunho da psicanálise, que quase toda relação sentimental íntima e prolongada entre duas pessoas (matrimônio, amizade ou vínculo entre pais e filhos) contém um sedimento de afetos de aversão e hostilidade, que apenas devido à repressão não é percebido, fazendo uma observação em uma nota de rodapé, da relação entre mãe e filho, que pode ser a única exceção (*“talvez”*), pois sendo baseada no narcisismo, não é perturbada por uma rivalidade posterior, e é reforçada por um esboço de escolha de objeto sexual. Para Freud, o mesmo ocorre em unidades maiores, em que *“diferenças maiores”* resultem numa aversão difícil de superar, como a do gaulês pelo germano, do ariano pelo semita, do branco pelo negro.

Assim, para Freud (1921), quando a hostilidade se dirige para pessoas normalmente amadas, chamamos isso de ambivalência afetiva, que surgem em ocasiões de conflito de interesses precisamente nas relações íntimas. Ressalta que nas antipatias e aversões não disfarçadas para com estranhos que se acham próximos, reconhece-se a expressão de um amor a si próprio, um narcisismo que se empenha na afirmação de si, e se comporta como se a ocorrência de um desvio em relação a seus desenvolvimentos individuais acarretassem uma crítica deles e uma exortação a modificá-los.

A manifestação de ódio e agressividade, descrita neste momento por Freud (1921) como *“desconhecida”*, atribui-se um caráter elementar, no qual ele faz referência ao seu

trabalho recentemente publicado *“Além do Princípio do Prazer”* (1920), em que diz que procurou relacionar a polaridade amor e ódio com a “hipotética” polaridade entre instintos de vida e de morte, caracterizando os instintos sexuais como os mais puros representantes dos primeiros, os instintos de vida. Segundo Enriquez (1991), o fenômeno de desprezo e ódio contra o exterior, Freud chamará de *“narcisismo das pequenas diferenças”* em seu texto *“O Mal-Estar na civilização”* de 1930, e reforça a coesão do grupo e coloca-o em posição de guerra potencial contra os estrangeiros, percebidos como inimigos, apontado pelo autor, como elemento que faltava à compreensão do vínculo afetivos que une os membros de uma organização; em que o amor não basta, é necessário que o ódio esteja presente, ódio componente da pulsão de morte em sua vertente de pulsão de destruição dirigida ao exterior, pois uma organização para existir e durar precisa então construir um inimigo.

Através desse elo libidinal, para Enriquez (1991), a continuidade entre *“Totem e Tabu”* (1913) e *“Psicologia das Massas”* (1921) ficam evidentes, em que o grupo manifesta a força de Eros, que está interligado com Tânatos, amor e ódio, amor e assassinato se fundem um no outro, pois em *“Totem e Tabu”* relatava a união pelo crime e *“Psicologia das Massas”* inclina-se à união pelo amor e formam nessas condições, os dois painéis do díptico que ilustra a obra comum de Eros e Tânatos, o grupo organizado.

Contudo, para Freud (1921), na formação da massa e dentro dela, toda a intolerância desaparece, temporariamente ou de maneira duradoura. Pois os indivíduos se conduzem como se fossem homogêneos, suportam a especificidade do outro, igualam-se a ele e não sentem repulsa por ele. Segundo suas concepções teóricas, tal limitação do narcisismo pode ser produzida apenas por um fator, pela ligação libidinal a outras pessoas, em que o amor a si encontra limite apenas no amor ao outro, amor aos objetos, embora não se chega a realizar uma limitação permanente do narcisismo, pois essa tolerância não perdura mais que a vantagem imediata que se tira da colaboração do outro. Portanto, pode-se concluir que estar na massa não leva necessariamente à tolerância do outro e à consideração por ele, advento do narcisismo.

O que Freud (1921) aponta a seguir é que, o que ocorre nas relações sociais entre os homens ocorre o mesmo que a investigação psicanalítica descobriu no curso de desenvolvimento da libido individual; em que esta apoia-se na satisfação das grandes necessidades vitais e escolhe como seus primeiros objetos as pessoas que nela participam; tal como no indivíduo, também no desenvolvimento da humanidade inteira é o amor que atua como fator cultural, no sentido de uma mudança do egoísmo em altruísmo. Assim, se na massa aparecem restrições ao amor-próprio narcisista, inexistentes fora dela, isso indica para

Freud, “*forçosamente*”, que a essência da formação de massa consiste em ligações libidinais de nova espécie entre os membros de massa.

Esse será o passo seguinte de Freud (1921), dedicar-se a outros mecanismos de ligação afetiva: o mecanismo central da identificação, no qual trabalhamos no item anterior desta discussão. O importante a ser retomado e frisado, é que através da formação do “*ideal de Eu*”, resultante e substituto do narcisismo infantil e das identificações com os pais, retira o sujeito da sua condição narcísica e o inscreve no social pelo processo de identificação, pois o “*outro ideal*” exige renúncia a “*Sua Majestade o Bebê*”, reconhecendo a existência do outro, do diferente. Segundo Enriquez (1991), é este processo que vai explicar o mecanismo que incute o chefe no âmago de cada indivíduo, provocando neste o amor e veneração e que vai permitir a passagem do “*amor do chefe*” ao “*amor dos outros*”.

Nesse sentido, Enriquez (1991), aponta que no processo civilizatório, os indivíduos são levados a viver tensões “*intoleráveis*”, entre o eu e o ideal de Eu, e terão um sentimento de culpa cada vez maior e verão se abrirem totalmente as portas da neurose, em que uma vez instalada a formação coletiva, coloca seus ideais sempre mais alto, aumenta seu poder de coerção e não se satisfaz jamais com o ponto alcançado pelos homens; multiplicando continuamente suas exigências. Assim, conclui o autor, que a formação coletiva nasce de uma ilusão produzida pela hipnose e funciona como uma neurose coletiva; pois tende a desviar cada pessoa da realização de seus objetivos sexuais diretos, solicita de cada um uniformidade de comportamento, amordaça o eu e pode levar a um conflito crescente entre o eu e o ideal de Eu.

Portanto, a partir da leitura freudiana e os comentadores de referência, podemos agrupar alguns elementos importantes para a compreensão desta discussão. Os conceitos até então abordados, narcisismo, a formação do ideal de Eu, o mecanismo de identificação, o mito da horda primeva e do assassinato do pai como o instaurador do tabu de incesto e iniciador da cultura, entre outros, nos indica como Freud buscou demonstrar que a articulação entre clínica, social e política não são temáticas que estão dissociadas na teoria psicanalítica. O sistema totêmico nasceu do Complexo de Édipo, enquanto fundador da cultura, da interdição do assassinato do pai e da culpa, gênese da humanidade, em que o incesto é fundante no processo civilizatório (universalidade da proibição do incesto), ou seja, somos fundados por uma violência, o parricídio, necessário para a passagem da natureza para a cultura; em que Freud percorreu da horda primitiva a gênese das sociedades humanas, que a cada geração, cada indivíduo internaliza e repete a história coletiva.

Outro elemento importante é o advento do narcisismo e a formação do ideal de Eu,

que trouxe uma nova perspectiva para a sexualidade e foi essencial para repensar a teoria pulsional, pois este conceito é mais do que um mecanismo psíquico, é uma fase do desenvolvimento libidinal normal, e são referências importantes para a compreensão do mecanismo de identificação, entendido como uma forma de introjetar características de objetos no eu, incorporando-as. Assim, todos esses elementos tornam esta compreensão em um todo coerente para refletir a relação entre as pessoas que compõe um grupo.

CAPÍTULO II

FREUD E A INTOLERÂNCIA À DIFERENÇA DO OUTRO



"O Duplo Secreto", 1927 – René Magritte

2.1 A fúria narcísica: “eu sou bom e o outro mau”

Os conceitos freudianos como narcisismo, mecanismo da identificação, os vínculos que mantém a coesão de um grupo, trazidos no capítulo anterior, são elementos importantes para a compreensão do fenômeno de intolerância à diferença do outro, no qual debruça-se esta reflexão. Neste capítulo veremos como Freud articula e aprofunda esses conceitos em obras posteriores, como por exemplo em *“O Mal-Estar na civilização”*, publicado em 1930, em que investiga-se o embate pulsional e a cultura.

Segundo Fuks (2007), o termo intolerância, advém da filosofia, e não é propriamente um conceito psicanalítico. Ele surgiu no decorrer das guerras religiosas do século XVI, na urgência de estabelecer parâmetros mínimos de convivência entre católicos e protestantes. Freud inseriu na sua *“disciplina”*, no início do século XX quando funda a Psicanálise, e desenvolveu sua teoria no momento em que a intolerância ao outro, desta vez banalizada pelo cientificismo da raça, começava sustentar a ideologia do sonho da luta das raças pela dominação do mundo – o nazismo.

Para refletir sobre os fenômenos de hostilidade ao outro, Freud utilizou a noção de *“narcisismo das pequenas diferenças”* pela primeira vez em *“O Tabu da Virgindade”* de 1918, abordado novamente, como vimos no capítulo anterior, em *“Psicologia das Massas e Análise do Eu”* de 1921, e retomado em *“O Mal-Estar na civilização”* de 1930. Freud diz:

“ Em palavras que pouco diferenciam da terminologia habitual da psicanálise, Crawley afirma que cada indivíduo separa-se dos outros mediante um “taboo of personal isolation”, e que justamente as pequeninas diferenças, dentro da semelhança geral, motivam os sentimentos de estranheza e hostilidade entre eles. Seria tentador perseguir essa idéia e derivar desse “narcisismo das pequenas diferenças” a hostilidade que em todas as relações humanas combate vitoriosamente os sentimentos de solidariedade e sobrepuja o mandamento de amor ao próximo. Ao atentar para o complexo de castração e sua influência no juízo que se faz da mulher, a psicanálise acredita haver apreendido boa parte do que fundamenta a rejeição da mulher pelo homem, narcísica e bastante entremeada com menosprezo”. (Freud, 1918/2013, p.374 e 375).

Para Miguelez (2007), há uma temática comum que liga esses trabalhos e transforma em assunto central: *“o outro”*, o outro da cultura, do social, que é próximo e distante ao mesmo tempo, estranho e familiar, em que o narcisismo vai marcar o polo de oposição, *“aquilo que resiste ao outro”*, síntese das relações do indivíduo com o outro, sendo este objeto de amor e ódio. Nesse contexto, aponta Reino e Endo (2011), o narcisismo é de tal

modo rígido e conservador que qualquer desvio trazido pelo outro é visto como uma afronta e o faz entrar em guerra contra qualquer sombra de divergência, em que o reconhecimento do diferente se opõe ao narcisismo, e para que o outro seja reconhecido como tal, há de ocorrer necessariamente uma mudança psíquica para ter acesso à alteridade.

Nesse sentido, a diferença ameaça a integridade narcísica do eu, o que nos remete ao mecanismo da negação, descrito por Freud, em 1925, no texto *“A Negação”*. Este é um mecanismo importante para compreender a expulsão dos impulsos agressivos em direção ao “não eu”, ao diferente, pois este descreve a origem psicológica da função de julgamento ou juízo, sendo substituto intelectual da repressão. Assim, a negação é uma tentativa de não aceitar algo que “perturba” o eu, em que Freud aponta que a função do juízo têm essencialmente duas decisões, atribuir ou negar uma qualidade (boa ou ruim, útil ou nociva) a uma coisa e admitir ou contestar a uma imagem (representação) sua existência na realidade.

Diante disso, para Freud (1925), o eu primitivo regido pelo princípio de prazer, quer introjetar o “bom” e expulsar de si o “mau”, ele diz: *“O Eu-de-prazer original quer introjetar tudo que é bom e excluir tudo que é mau. Para o Eu, o que é mau e o que é forasteiro, que se acha de fora, são idênticos inicialmente”* (P.278). Portanto, para ele o estudo do juízo permitiu vislumbrar a gênese de uma função intelectual a partir do jogo dos impulsos instintuais primários, em que julgar é uma condição coerente da inclusão no Eu ou expulsão do Eu, que originalmente se dava conforme o princípio de prazer; em que a afirmação, como substituto da união, pertence a Eros (pulsão de vida), e a negação, como sucessora da expulsão, ao instinto de destruição (pulsão de morte).

Com esses elementos, consideramos relevante retomar uma questão levantada por Freud em 1915 no texto *“Considerações sobre a guerra e a morte”*, que nos parece muito atual e entrelaçada com os desdobramentos desta discussão, em que ele questiona como as nações ditas “civilizadas” ainda não adquiriram consciência para desenvolver a tolerância, para acabar com a hostilidade e estranhamento em relação ao que ele chama de estrangeiro, ou seja, ao diferente. Com o que vimos até agora da obra freudiana e seus comentadores, acreditamos ser possível supor – ou afirmar – que a intolerância à diferença do outro é constitutiva, portanto, a ambivalência afetiva também, assim, o outro é condição e ao mesmo tempo impossibilidade, em que a inscrição do sujeito se dá pela exclusão do outro, do estrangeiro.

Contudo, para Freud (1915), a superação das *“vicissitudes instintuais”* forma o que se chama de *“caráter”* de uma pessoa, o que para ele classificá-lo como *“bom”* ou *“mau”*, é uma forma inadequada e precária, pois um ser humano é raramente bom ou mau por inteiro,

em geral é “*bom*” em determinado aspecto e “*mau*” em outro e aponta que a transformação dos instintos “*maus*” é obra de dois fatores que atuam no mesmo sentido, um interno e outro externo. Para ele, o fator interno consiste na influência exercida nos instintos maus, egoístas, pelo erotismo, pela necessidade humana de amor no sentido mais amplo e pela intromissão dos componentes eróticos os instintos egoístas são transformados em sociais, em que aprende-se a estimar, como uma vantagem, ser amado, vantagem pela qual se pode renunciar a outras; e o fator externo é a coação exercida pela educação, que representa as demandas do ambiente civilizado, e que depois prossegue no influxo direto do meio cultural, em que a civilização foi adquirida pela renúncia à satisfação instintual, e exige de cada “recém-chegado” essa mesma renúncia. Destacamos a seguir:

“ Durante a vida individual há uma continua transformação de coação externa em interna. As influências culturais levam que tendências egoístas cada vez mais se convertem em altruístas, sociais, pela adunção de elementos eróticos. Enfim, é lícito supor que toda coação interna que se faz notar no desenvolvimento do ser humano era originalmente, ou seja, na história da humanidade, apenas coação externa. As pessoas que hoje vêm ao mundo trazem consigo, como organização herdada, alguma tendência (predisposição) para transformar os instintos egoístas em sociais, à qual bastam leves incitamentos para realizar essa transformação”. (p.220 e 221).

Conforme mencionamos no capítulo anterior, Freud aponta em (1921), que quase toda relação sentimental íntima e prolongada entre duas pessoas contém um sedimento de afetos de aversão e hostilidade, que apenas devido a repressão não é percebido, isentando apenas a relação de mãe e filho, e para exemplificar o modo como os seres humanos se comportam afetivamente uns com os outros, ele faz uso de uma “*célebre alegoria*” de Schopenhauer, citada em uma nota de rodapé de “*Psicologia das Massas e Análise do Eu*”, sobre os porcos-espinhos que sentem frio e nenhum deles aguenta uma aproximação muito íntima do outro:

“Num frio de inverno, um grupo de porcos-espinhos se aconchegou bastante, para se esquentarem mutuamente e não morrerem de frio. Contudo, logo sentiram os espinhos uns dos outros, o que os fez novamente se afastarem. E quando a necessidade de aquecimento os aproximava de novo, repetia-se o segundo mal, de modo que eram impelidos de um sofrimento para o outro, até acharem uma distância média que lhes permitisse suportar o fato da melhor maneira. (Parerga und Paralipomena, parte II, XXXI, “Gleichnisse und Parabeln” [Alegorias e parábolas]).” (p.56).

Compartilhamos com Reino e Endo (2011), que o ponto central da utilização desta

parábola é que a aversão, hostilidade, intolerância, segundo os autores, nomeado por Freud de diversas formas, se apega aos pormenores da diferenciação para se expressar às pequenas diferenças, Freud (1921) diz: *“Não sabemos por que uma suscetibilidade tão grande envolveria justamente esses detalhes de diferenciação”* (P.57), portanto, a hostilidade se apega às pequenas diferenças. Segundo Miguelez (2007), Freud observa que as pequenas diferenças devem exaltar-se para preservar um senso de singularidade que ameaça ser perdido, em que a distância do outro também é problemática quando excessiva, o diferente transforma-se em hostil, ameaça para o equilíbrio narcisista, ainda segundo o autor, as aversões raciais, o ódio ao estrangeiro, assim como a necessidade de distância e diferenciação das comunidades muito próximas, ficam iluminadas pela ótica de entendimento do conceito de narcisismo.

Contudo, como vimos, há momentos em que essa hostilidade primária é suspensa, como na organização libidinal das massas, em que Freud (1921) aponta que enquanto perdura a massa, se permite suportar a especificidade do outro. Ele também irá apontar as situações anunciadoras da morte (fome, frio) como momentos de suspensão do narcisismo das pequenas diferenças, como podemos verificar em seu texto *“Considerações sobre a guerra e morte”* de 1915, em que para ele as guerras são um momento de ruptura, em que há um remanejamento pulsional, podendo nos colocar mais tolerantes e exigir menos do outro, pois em tempos de guerra, a negação da morte é “impossível” e impõe alianças, Freud diz: *“enquanto as condições de existência dos povos forem tão diferentes, e tão fortes as aversões entre eles, há de haver guerras”* (P.246), portanto, podemos supor que a suspensão da hostilidade é sempre temporária.

Diante do exposto, Freud em *“O Mal-Estar da civilização”* (1930), aponta o *“relacionamento com os outros seres humanos”* como uma das mais difíceis e dolorosas das ameaças do sofrimento humano e conclui que *“nossas possibilidades de felicidade são restritas por nossa constituição. É bem menos difícil experimentar a infelicidade”* (P.20). A “busca da felicidade” é posta por Freud como a finalidade e intenção da vida humana, que possui dois lados, uma meta positiva e uma negativa; que quer a ausência de dor e desprazer e, por outro lado, a vivência de fortes prazeres, no qual a *“felicidade”* se refere apenas à segunda, em que a atividade dos homens se desdobra em duas direções, procurando realizar uma ou outra dessas metas, predominantemente ou mesmo exclusivamente. Ele diz:

“Como se vê, é simplesmente o programa do princípio do prazer que estabelece a finalidade da vida. Este princípio domina o desempenho do

aparelho psíquico desde o começo; não há dúvidas quanto a sua adequação, mas seu programa está em desacordo com o mundo inteiro, tanto o macrocosmo como o microcosmo. É absolutamente inexequível, todo o arranjo do Universo o contraria; podemos dizer que a intenção de que o homem seja “feliz” não se acha no plano da “Criação”. Aquilo a que chamamos de “felicidade”, no sentido mais estrito, vem da satisfação repentina de necessidades altamente represadas, e por sua natureza é possível apenas em um morno bem-estar; somos feitos de modo a poder fruir intensamente só o contraste, muito pouco o estado”. (p.20).

Para Freud (1930): “A vida, tal como nos coube, é muito difícil para nós, traz demasiadas dores, decepções, tarefas insolúveis” (P.18) e a fim de suportar as ameaças de sofrimento e na tentativa de evitá-lo, não dispensamos medidas paliativas, como poderosas diversões, que nos permitem fazer pouco de nossa miséria; gratificações substitutivas, que a diminuem, e as substâncias inebriantes, que nos tornam insensíveis a ela; o que não implica uma renúncia total da satisfação e causa desilusão com a civilização, isto é, o homem torna-se neurótico por não suportar a medida de privação que a sociedade lhe impõe, em prol de seus ideais culturais, em que pode-se concluir que a sociedade não é produtora de felicidade.

Sendo assim, a renúncia pulsional é uma aquisição cultural e impõe um dilema à vida societária ao tentar encontrar o equilíbrio entre as reivindicações individuais e as exigências culturais. Segundo Freud (1930), um dos traços característicos da civilização, é o modo como são reguladas as relações dos homens entre si, isto é, as relações sociais, para ele, aqui se torna bem difícil manter-se livre de determinadas exigências ideais e aprender o que é mesmo cultural e que este elemento se apresentaria como a primeira tentativa de regulamentar essas relações, em que a substituição do poder do indivíduo pelo da comunidade é o passo cultural decisivo e sua essência está em que os membros da comunidade se limitam quanto às possibilidades de gratificação, ao passo que o indivíduo não conhecia tal limite. Assim, para Freud, a exigência cultural seguinte é a justiça (lei), ou seja, a civilização impõe restrições e a justiça exige que ninguém seja poupado delas.

Contudo, na economia libidinal as necessidades do processo civilizatório impõe sublimação de parte das pulsões, e nesse sentido Freud (1930) aponta semelhança entre o processo de civilização e o desenvolvimento libidinal do indivíduo, no que diz respeito ao deslocamento do instinto em outras vias de condições de satisfação, ou seja, a “sublimação”, é um traço bastante saliente da evolução cultural, pois torna possível que atividades psíquicas elevadas como, científicas, artísticas, ideológicas, tenham papel tão significativo na vida civilizada. Porém, a “frustração cultural” domina o largo âmbito dos vínculos sociais entre os homens, apesar dos esforços sublimatórios haverá sempre um excesso pulsional hostil ao

processo civilizatório, em que a sublimação pode tornar-se um processo destrutivo ao voltar-se a si mesmo.

Segundo Reino e Endo (2011), um dos argumentos centrais do *“O Mal-Estar na civilização”* é a dupla renúncia a que está submetido o homem no interior da cultura, em que por um lado, precisa renunciar as suas pulsões sexuais (pulsão de vida), ao menos renunciar sua realização imediata, visto que o princípio de realidade trabalha no sentido de postergar a realização do princípio de prazer; e por outro lado, também precisa renunciar suas pulsões destrutivas (pulsão de morte); para os autores a segunda renúncia é a novidade trazida por Freud, pois agora o preço pago por cada um desses dois sacrifícios é distinto entre si, em que a renúncia das pulsões sexuais gera sintoma, já a renúncia da pulsão de morte gera sentimento de culpa; para tanto, Freud diz (1930): *“Se a cultura impõe tais sacrifícios não apenas à sexualidade, mas também ao pendor agressivo do homem, compreendemos melhor por que para ele é difícil ser feliz nela”* (P.61).

No percurso de *“O Mal-Estar na civilização”*, Freud (1930) aponta lugares no interior da cultura nos quais é possível uma realização distorcida das pulsões destrutivas. Ele diz que o próximo não constitui apenas um possível colaborador e objeto sexual, mas também uma tentação para satisfazer a tendência à agressão, para explorar seu trabalho sem recompensá-lo, para dele se utilizar sexualmente contra a sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para *“humilhá-lo”*, para *“infligir-lhe dor”*, para *“torturá-lo”* e *“matá-lo”*.

Nesse sentido, para Miguel (2007), o narcisismo está conectado com a destrutividade, ou seja, com a pulsão de morte, para o autor, este será o caminho percorrido por Freud em 1930, o narcisismo ligado às pequenas diferenças é que oferece oportunidades ao exercício da destrutividade, em que os desígnios da pulsão de morte aparecem protagonizando a ação, e o narcisismo fica relegado a papel secundário; o amor continua sendo postulado como fundamento do laço social, mas resta encontrar algum destino para o ódio. Freud diz (1930):

“Evidentemente não é fácil, para os homens, renunciar a gratificação de seu pendor à agressividade; não se sentem bem ao fazê-lo. Não é de menosprezar a vantagem que tem um grupamento cultural menor, de permitir ao instinto um escape, através da hostilização dos que não pertencem a ele. Sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade”. (p.60).

Com isso, ainda segundo Miguel (2007), o conceito de narcisismo ganha atuação

decisiva nos trabalhos destinados a pensar a cultura e os fenômenos sociais, apontando que embora aportes provindos da proposta da pulsão de morte formem uma dupla inseparável, em especial no final da obra, para o autor uma das faces do narcisismo está voltado para a cultura e a construção da sociedade, assim como outra está voltada para os fenômenos psicóticos, em que esta pluralidade de usos do conceito constitui sua riqueza e fecundidade clínica. Aponta também a profunda desconfiança na solidez das construções culturais e sociais para a superação do narcisismo e da destrutividade, supondo que a grandeza dos ideais humanos, tenha suscitado a Freud desconfiança e ceticismo.

Diante disso, até aqui nos parece que Freud diz que a cultura não é sinônimo de progresso, ou seja, não é um processo linear, ele entende a evolução humana como uma circularidade, em que a civilização é construída sobre a renúncia pulsional e a relação com o outro, que coloca em “cheque” à nossa felicidade, mas ao mesmo tempo este outro é uma referência, isto é, a parte do outro que está em mim, me limita e me dá contorno; eu não suporto no outro aquilo que não suporto em mim mesmo, e mesmo em “paz”, mesmo identificado, essa agressividade retorna (Freud, 1930).

Portanto, o narcisismo das pequenas diferenças dá condições para o exercício da destrutividade. Segundo Reino e Endo (2011), este seria outro modo de satisfação “*cômoda e relativamente inócua*” a destrutividade, em que a ênfase freudiana recai em outro patamar conceitual, o da exclusão, da rejeição do outro e da pulsão que a ele é destinada, isto é, o outro passa a ser receptáculo da pulsão de morte. Ainda segundo os autores, Freud passa conceber uma outra forma de união e coesão de uma massa, que poderia se formar por colocar um único e mesmo objeto como destino da pulsão de morte, em que unem-se e se identificam entre si, pois há outro a quem se pode hostilizar.

O percurso que o conceito do narcisismo das pequenas diferenças faz na obra freudiana, visto também nesta discussão: em 1918, a pequena diferença diferencia um indivíduo do outro, em 1921, diferencia as massas com a condição que sejam suspensas entre os integrantes e em 1930 é condição para o exercício da destrutividade. Não são análises que se excluem, nem têm formas diferentes de se abordar o mesmo fenômeno, trata-se de perceber que há um diálogo mais profundo entre dois conceitos da metapsicologia freudiana, o narcisismo e a pulsão de morte; pois o narcisismo das pequenas diferenças está relacionado com o conceito de narcisismo, já que a todo momento discute-se como se forma a como se mantém uma unidade do eu e da massa e está também relacionado ao conceito de pulsão de

morte³, pois essa unidade só se forma e se mantém quando há um outro a quem se destina essa mortífera pulsão, em que coesão e satisfação da destrutividade acabam por formar os dois pólos dessa noção (Reino e Endo, 2011). Assim, nos parece que eliminar as diferenças é uma ilusão.

Desta forma, segundo Freud (1930), a existência de um instinto de morte ou de destruição deparou-se com resistências, inclusive ao movimento psicanalítico, assim como o entendimento que a concepção dualista, ou seja, que Eros e a pulsão de morte são pulsões aliadas, e que é a destrutividade que impulsiona à vida, ele diz:

“É no sadismo, em que ele modifica a seu favor a meta erótica, mas não deixa de satisfazer plenamente o ímpeto sexual, que atingimos a mais clara compreensão de sua natureza e de sua relação com Eros. Mas também ali onde surge sem propósito sexual, ainda na mais cega fúria destruidora, é impossível não reconhecer que sua satisfação está ligada a um prazer narcísico extraordinariamente elevado, pois mostra ao Eu a realização de seus antigos desejos de onipotência. Domado e moderado, como que inibido em sua meta, o instinto de destruição deve, dirigido para os objetos, proporcionar ao Eu a satisfação das suas necessidades vitais e o domínio sobre a natureza”. (p.67).

Partindo do pressuposto de que a agressividade é inerente e constitutiva do humano, ela torna-se uma dificuldade para o processo civilizatório e uma luta permanente entre Eros e a pulsão de morte, pois segundo Freud (1930), tal processo está à serviço de Eros, que pretende juntar indivíduos isolados, famílias, depois etnias, povos e nações numa grande unidade, a da humanidade, ligadas libidinalmente entre si, pois apenas as necessidades e as vantagens do trabalho em comum não as manterão juntas. Porém, em oposição ao programa da cultura está o instinto natural de agressão dos seres humanos, a hostilidade de um contra todos e todos contra um, sendo este o derivado e representante maior do instinto de morte, que encontra-se ao lado de Eros e que partilha com ele o domínio do mundo, apresentando a luta entre Eros (instinto de vida) e morte (instinto de morte): *“Essa luta é o conteúdo essencial da vida, e por isso a evolução cultural pode ser designada, brevemente, como a luta vital da espécie humana”* (P.68).

Até aqui, os conceitos trazidos nesta discussão desde o primeiro capítulo, revelam o percurso do pensamento freudiano para tentar compreender como a civilização encontra recursos para sustentar a renúncia pulsional e tenta inibir a agressividade que lhe opõe, porém,

³ André Green (1988) concebeu o *“narcisismo negativo”* que pode ainda trazer importantes contribuições para a articulação desta reflexão.

Freud (1930) com mais elementos formulou esta questão e atribuiu a inibição da agressividade ao sentimento de culpa, também constitutivo do humano, que deriva a instância do Supereu⁴, importante para introjeção da autoridade e sua origem está na necessidade de amor, ou seja, na ameaça de privação do mesmo e de punição. Logo, toda agressividade exercida sobre a consciência pela renúncia é sempre uma agressividade não satisfeita e retomada pelo Supereu, em que o processo de identificação se faz pela necessidade de encontrar sustentação dessa renúncia; em que o sentimento de culpa também é capital, no qual dele depende a civilização:

“A agressividade é introjetada, internalizada, mas é propriamente mandada de volta para o lugar de onde veio, ou seja, é dirigida contra o próprio Eu. Lá é acolhida por uma parte do Eu que se contrapõe ao resto como Super-eu, e que, como “consciência”, dispõe-se a exercer contra o Eu a mesma severa agressividade que o Eu gostaria de satisfazer em outros indivíduos. À tensão entre o rigoroso Super-eu e o Eu a ele submetido chamamos de consciência de culpa; ela se manifesta como necessidade de punição. A civilização controla então o perigoso prazer em agredir que tem o indivíduo, ao enfraquecê-lo, desarmá-lo e fazer com que seja vigiado por uma instância no seu interior, como por exemplo uma guarnição numa cidade conquistada”. (p.69).

Nesse sentido, a civilização deve fazer tudo que pode para limitar a agressividade humana e reduzir as manifestações com a ajuda de reações psíquicas de ordem ética. Segundo Freud (1930), seu propósito foi situar o sentimento de culpa como o problema mais importante da evolução cultural e de mostrar que o preço do processo cultural é a perda da felicidade, pelo acréscimo do sentimento de culpa e sua relação com a consciência e acrescenta em uma nota de rodapé, uma referência à *Hamlet, ato III, cena I*: “Assim a consciência nos torna a todos covardes [...]” (P.81). Isso posto, Freud (1930) amplia a analogia entre o processo cultural e o desenvolvimento do indivíduo, pois diz que é ilícito afirmar que a comunidade também forma um Supereu, cuja influência procede a evolução cultural. Para ele, o Supereu de uma época cultural tem origem semelhante ao de um indivíduo, pois baseia-se na impressão que grandes “*personalidades-líderes*” deixaram, homens de avassaladora energia espiritual, ou nos quais umas das tendências humanas achou a expressão mais forte e mais pura, e por isso, com frequência, a mais unilateral; e destaca que está analogia pode ir mais longe, na medida em que essas pessoas, “*frequentemente, talvez*

⁴ A instância do “supereu” é aprofundada por Freud, no texto “*O Eu e o Id*” (1923), no qual responde a diversos questionamentos de ensaios anteriores, sobretudo, em “*Além do Princípio do Prazer*” (1920), ampliando a compreensão a cerca do mal-estar social.

sempre”, foram durante a vida zombadas, maltratadas e mesmo cruelmente eliminadas pelas outras, tal como também o pai primevo ascendeu a divindade apenas muito depois de sua morte violenta. Assim, para Freud (1930) o Supereu da cultura desenvolveu seus ideais e elevou suas exigências, entre as últimas, as que concernem às relações dos seres humanos entre si são designadas por “*ética*”.

Aqui se faz necessário retomar as considerações que Freud (1930) tece a respeito do mandamento “*Ama teu próximo como a ti mesmo*”, sendo para ele uma das exigências ideais da sociedade civilizada, apontado mais tarde como o mais jovem mandamento do Supereu cultural, que desenvolveu seus ideais e elevou suas exigências. Para ele nos interessamos por este mandamento porque ele é a mais forte defesa contra a agressividade humana e um belo exemplo do procedimento antipsicológico do Supereu cultural, e ressalta que é “*inexequível*”, em que uma forma tão “*formidável*” inflação do amor só pode lhe diminuir o valor, não eliminar a necessidade, mas a civilização negligência tudo isso, recorda apenas que quanto mais difícil o cumprimento do preceito, mais meritório vem a ser ele.

Contudo, para Freud (1930) a questão decisiva para a espécie humana é saber se, e em que medida, a sua evolução cultural poderá controlar as perturbações trazidas à vida em comum pelos instintos humanos de agressão a autodestruição, embora ele tenha dito em especial para sua época, mais uma vez, arriscamos dizer que nos parece muito atual:

“Atualmente os seres humanos atingiram um tal controle das forças da natureza, que não lhes é difícil recorrerem a elas para exterminarem até o ultimo homem. Eles sabem disso; daí, em boa parte, o seu atual desassossego, sua infelicidade, seu medo. Cabe agora esperar que a outra das duas “potências celestiais”, o eterno Eros, empreenda um esforço para afirmar-se na luta contra o adversário igualmente imortal. Mas quem pode prever o sucesso e o desenlace?”. (p.93).

Diante do exposto, cabe retomar a noção de narcisismo das pequenas diferenças, pois para Fuks (2007), Freud a utilizou para refletir o par de opostos tolerância/intolerância no plano individual e coletivo, sendo esta uma ferramenta conceitual que a psicanálise, diante do fenômeno de manipulação do sentimento de estranheza à diferença do outro se voltou para o campo da política. Portanto, compreendemos que somos constituídos por uma “fúria narcísica” destrutiva originária, que é fonte de vida e morte, em que a sociedade vive tentando “driblar” esta hostilidade originária, em que a violência torna-se um paradoxo humano, assim, como vimos, à diferença do outro é condição e ao mesmo tempo impossibilidade, pois na segunda, torna-se ameaça a integridade narcísica do Eu. Nesse momento, podemos afirmar

que essa diferença é constitutiva e intolerante – assim como o par oposto, tolerante – e não implica (talvez) na aniquilação do outro, embora quando levado ao “paroxismo”, desemboca na segregação e no racismo, que segundo Fuks (2007) são expressões máximas da intolerância ao outro e tolerância do mesmo, desta forma compete então ao processo civilizatório esta árdua tarefa.

Neste momento, consideramos relevante compartilhar, que durante todo o percurso deste trabalho, outras questões e desdobramentos surgiram nas entre linhas desta pesquisa, e arriscamos dizer que as mesmas podem ter sido compartilhadas pelos leitores, como refletir e debruçar-se sobre diversos fenômenos que atravessaram nossa época em que expressamos a máxima de intolerância à diferença do outro, aniquilando-o. Compreendemos que a suscitação das mesmas sejam inevitáveis, o que nos parece uma tarefa da Psicanálise, como também aprofundar outros conceitos necessários de outros, como pulsão de morte, supereu, entre outros, que enriqueceriam esta compreensão, mas neste momento, este trabalho não se incube à realizá-lo, talvez em outro momento.

Com isso – e na verdade, mais do que isso – no jogo dialético entre o primitivo e o processo civilizatório, ou seja, no embate pulsional entre Eros e a pulsão da destruição, conforme vimos, a cultura precisa constantemente realizar grandes esforços, já que se encontra no outro um caminho para o exercício da sua agressividade, excluindo, rejeitando no outros às pequenas (ou não) diferenças, o que nos parece que foram previsões feitas por Freud. Assim, concluímos neste percurso que “a igualdade é uma ilusão”, e que a esta altura não causará ao leitor estranhamento, e que sua compreensão talvez não seja a tarefa mais difícil, mas reconhecer o que escapa ao espelho.

2.2 A segregação como mecanismo de aniquilação

No percurso desta discussão à luz da teoria freudiana e seus comentadores, vimos o destaque e a importância do outro para nos constituirmos enquanto sujeito, e que o reconhecimento do mesmo, isto é, do diferente, o permite retirar-se de sua condição narcísica e pelo processo de identificação o inscreve no social, sendo este, como descrito desde em “*Totem e Tabu*” (1913), um fundamento para a construção do laço social. Vimos também que a diferença, embora ameace a integridade narcísica do eu, pressupondo uma relação permeada por uma hostilidade originária, não implica necessariamente na aniquilação do outro.

Isso posto, compreendemos que a diferença não pode ser tomada como “negativa” já que o outro é condição e ao mesmo tempo impossibilidade para a inscrição do sujeito, porém

vimos que a agressividade é reativa quando somos feridos narcisicamente por este, em que no recuo de uma defesa narcísica, o outro é “culpado” e passa à ser receptáculo deste ódio primário. Sendo assim, compreendemos também, que o narcisismo das pequenas diferenças oferece oportunidades ao exercício da destrutividade e quando levado à extrema intensidade vai de encontro ao projeto narcísico, em que o outro tem que ser aniquilado, como nas expressões máximas da intolerância: a segregação e o racismo.

Conforme apontamos no final do item anterior deste capítulo, sob o prisma do fenômeno de intolerância à diferença do outro, poderíamos debruçar-se sobre diversos fenômenos que atravessaram nossa história, que dizem respeito ao narcisismo primitivo; em que a expulsão do ódio pode ser entendido como uma tentativa de reparo à integridade narcísica; logo, o narcisismo bem sucedido pode ser mortífero.

Muitos poderiam ser os exemplos, Freud (1921) disse que etnias bastante aparentadas se repelem, pois: *“Havendo duas cidades vizinhas, cada uma se torna maldosa concorrente da outra; cada pequenino cantão olha com desdém para o outro”* (P.57). Trazendo para nosso contexto, a exemplo de Freud, muitas de nossas “fronteiras” nos revelam esta realidade, como paulistanos não toleram carioca, em que ambos não toleram nordestinos, que por sua vez não toleram argentinos, e como ele coloca resultam em aversões maiores de serem superadas, como as de “cor”, religião, orientação sexual, entre outras. Fatos recentes em nosso país, poderiam também ser objeto de reflexão, como as manifestações realizadas desde Junho de 2013, com destaque para o grupo denominado “Black Bloc”, que de acordo com a mídia, são pessoas vestidas de preto e encapuzadas que se autodenominam anarquistas e pregam desobediência civil nas redes sociais. Também não podemos deixar de mencionar os regimes totalitários, como o Nazismo de Hitler, momento de uma das grandes utopias “políticas”, que foi um acontecimento histórico de escala devastadora que deixou um legado que não pode ser esquecido.

Para Freud (1930), é nesse sentido que percebe-se a *“cômoda e relativamente inócua satisfação da agressividade”* do narcisismo das pequenas diferenças, através da qual é facilitada a coesão entre os membros da comunidade, e diz:

“Em circunstâncias favoráveis, quando as forças psíquicas que normalmente a inibem estão ausentes, ela se expressa também de modo espontâneo, e revela o ser humano como uma besta selvagem que não poupa os de sua própria espécie. Quem chamar à lembrança os horrores da migração dos povos, das invasões dos hunos, dos mongóis de Gêngis Khan e Tamerlão, da conquista de Jerusalém pelos piedosos cruzados, e ainda as atrocidades da recente Guerra Mundial, terá de se curvar humildemente à

verdade dessa concepção” (p.57).

Segundo Fuks (2007), com a ascensão do anti-semitismo, Freud retoma o tema da violência que o levou, durante a Primeira Guerra Mundial, a denunciar a explosão de barbárie na civilização moderna e em resposta escreveu *“Moisés e o Monoteísmo”* (1939). Este texto ocupa-se em refletir profundamente sobre a estrutura “religiosa” de um Estado laico que, sob o signo do ódio, fomentava um estado de tolerância máxima entre os homens tidos como idênticos e de intolerância absoluta ao outro. Ainda segundo a autora, devido a mira do nazismo e assolado pelo pânico de que a severa atmosfera católica de Viena pudesse acirrar resistências contra a Psicanálise, Freud deixou este texto na gaveta por quatro anos, além de “resistências internas” que traz uma marca da ligação entre a história do autor e a história da psicanálise.

Nesse texto, Freud (1939) ao debruçar-se para compreender os fundamentos do ódio aos judeus, afirma mais uma vez que a intolerância é exibida mais intensamente contra às *“pequenas diferenças”*:

“[...] o sentimento comunal dos grupos, exige, a fim de completá-lo, a hostilidade para com alguma minoria externa, e a debilidade numérica dessa minoria excluída encoraja sua supressão. [...] São, não obstante, diferentes, com frequência diferentes de maneira indefinível, especialmente dos povos nórdicos, e a intolerância dos grupos é quase sempre, de modo bastante estranho, exibida mais intensamente contra pequenas diferenças do que contra fundamentais”. (p. 80 e 81).

A hipótese sobre a origem estrangeira do monoteísmo judaico, para Fuks (2007), serviu de base para que Freud desenvolvesse suas reflexões sobre a intolerância à alteridade, como expressão da vontade de assegurar a coesão do idêntico a Si e destruidor de tudo o que se opõe à proeminência absoluta do outro. O que exigiu mais uma vez o uso do conceito de narcisismo das pequenas diferenças para compreender o ódio ao outro através da metáfora do Judeu. Portanto, segundo a autora, a segregação e o racismo situam-se na dimensão agressiva do sujeito frente à uma pequena diferença, que provoca angústia e horror ao que é mais íntimo e que, tomado pelo eu como objeto externo, constitui-se em objeto do ódio na segregação e no extermínio. No contexto desta interpretação, o discurso do *Führer* alemão é exemplar, pois permite perceber com clareza que o judeu era, a um só tempo o que ele guardava de mais íntimo e o que lhe era mais estranho.

As práticas eugenistas realizadas durante a Segunda Guerra Mundial, são um recorte histórico que assumem de maneira significativa uma expressão dentre os fenômenos

humanos, ou seja, as manifestações inerentes a todos. Isto é, o Nazismo não ilustra apenas uma catástrofe mundial, mas remete a aquelas que se encontram “adormecidas” nas grandes massas em cada um de nós, aguardando novas “utopias” (Bursztein, 1998)

Após o fim da guerra, as atrocidades cometidas pelo nazismo em nome da construção de uma Alemanha exclusivamente para a “raça ariana”, provocaram um sentimento de repulsa e revolta com a revelação das torturas e mortes nos campos de concentração. Esta talvez tenha sido uma das razões que levaram a opinião pública em geral construir idéias a respeito do nazismo e da eugenia e “não saberem” ou “estarem absortos” de que a idéia de higiene racial não foi uma invenção original de Adolf Hitler e de seus companheiros de partido (Black, 2003).

O movimento de Eugenia, prática científica (ou pseudociência), nasceu na Inglaterra, prosperou nos Estados Unidos e teve seu ponto alto na Alemanha nazista, que validava a idéia de higiene racial e suas ações visavam desde campanhas de incentivo até o extermínio dos judeus em câmaras de gás, passando por leis que autorizavam tais práticas, em que a desigualdade social passou a ser justificada biologicamente. O “*füher alemão*”, seguia as doutrinas eugenistas de identificação, segregação, esterilização, eutanásia e extermínio em massa dos indesejáveis, e legitimou seu ódio fanático pelos judeus (Black, 2003).

Na obra “*Minha Luta*” (*Mein Kampf*), de autoria do próprio Adolf Hitler, iniciada por ele no ano de 1924 durante seu confinamento no presídio militar de Landsberg sobre o Lech, pode-se extrair inúmeras e seqüências citações sobre suas convicções a respeito da eugenia e de seu ódio pelos judeus, como nos trechos a seguir:

“A perda da pureza de sangue por si só destrói a felicidade íntima, rebaixa o homem por toda a vida, e as conseqüências físicas e intelectuais permanecem para sempre. Todos os demais problemas vitais, examinados e comparados em relação a este, aparecerão ridiculamente mesquinhos. Todos são limitados no tempo. A questão, porém, da conservação ou não conservação do sangue perdurará sempre, enquanto existir a Humanidade” (p.242).

“Se os judeus fossem habitantes exclusivos do Mundo, não só morreriam sufocados em sujeira e porcaria como tentariam vencer-se e exterminar-se mutuamente, contanto que a indiscutível falta de espírito de sacrifício, expresso na sua covardia, fizesse, aqui também, da luta uma comédia” (p.224).

Com isso, podemos confirmar os apontamentos realizados por Freud, sobretudo, em “O Mal-Estar na Civilização”, de que a barbárie contida nos fenômenos de intolerância ao

outro, não pertencem apenas a um lugar preciso, como na Alemanha e suas ocupações e nem num tempo limitado, como na Segunda Guerra Mundial, mas expressam a inclinação natural humana de satisfazer no outro sua agressividade. Assim, pôde-se verificar que este temor não foi exclusividade de um dos maiores genocidas da história, e tão pouco de uma época, a eugenia, como prática de segregação, com outros nomes e novas roupagens, ainda que não aplicadas em escala histórica, em menores proporções – talvez - continua presente nos dias de hoje.

Nesse sentido, retomamos mais uma vez, que muitos poderiam ser os exemplos de reflexão para compreendermos o processo de segregação. Os campos de futebol, por exemplo, têm sido frequentemente palco de violência produzida pelas torcidas organizadas; os constantes conflitos no Oriente Médio; os movimentos neonazistas, como o grupo denominado “skinheads” que cultivam as ideologias nazistas ⁵, porém, conforme mencionamos, neste momento este trabalho não se incube à realizá-lo, pois acreditamos que implicaria em um novo e amplo estudo, agregando novos conceitos e análise de aspectos históricos e políticos de nossa sociedade, talvez em outro momento.

Contudo, Freud nos mostrou que os laços entre os seres humanos contém afetos de aversão e hostilidade e que o outro pode ser tomado não apenas como “aliado”, mas também como “inimigo” odiado. Por isso, para Freud (1930), a máxima cristã: “*Ama teu próximo como a ti mesmo*” impõe deveres cujo cumprimento exige preparação e disposição a efetuar sacrifícios, o que não parece uma disposição humana, para ele, o elemento que as pessoas estão dispostas a repudiar, é que o ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor, que no máximo pode se defender, quando atacado; mas sim que ele deve incluir, entre seus dotes instintuais, também um forte quinhão de agressividade.

Assim, para Bursztein (1998), o conceito de mal-estar na civilização de Freud, deve ser entendido como uma doença do desejo, mais exatamente, a ausência do desejo, que com efeito, quando fala, obriga necessariamente o sujeito a encontrar um substituto, sob a forma de uma busca desenfreada de gozo. Ainda segundo o autor, essa falta de desejo, exprimindo-se como uma falta de autotapeação, de engano pessoal, leva as multidões como uma “onda avassaladora”, à ilusão política, que tende a fazer crer que exista um objeto de gozo comum, cuja posse permitiria a satisfação da multidão e sustentaria suas esperanças.

⁵ Ver sobre isto o livro “As tribos do mal: o neonazismo no Brasil e no mundo” (1995) de Helena Salem. A autora faz uma análise sobre a dimensão do ressurgimento do neonazismo no Brasil e no mundo, traçando o percurso histórico dessas doutrinas, desde a Inquisição na Idade Média até a atualidade, como se organizam, o que significam e destaca os “skinheads”, como cultivadores dessas ideologias.

Portanto, o conceito de narcisismo das pequenas diferenças é o alicerce dos processos de segregação na cultura, pois às pequenas diferenças justificam o estranhamento à diferença do outro, em que as populações segregadas, são alvos de ódio e repudiadas com agressividade. Diante desta condição, em nossa sociedade está cada vez mais difícil de estar com o outro sem “soberba”, em que “eu sou bom e o outro é mau”, pois os recursos oferecidos pela cultura, nos jogam para a aniquilação do outro, pois como concluiu Freud *“Nós seríamos melhores e não quiséssemos ser tão bons”*.

CAPÍTULO III

A PSICANÁLISE NA CIVILIZAÇÃO



“O terapeuta”, 1941 – René Magritte

3.1 O engajamento do psicanalista

Conforme mencionamos, embora a reflexão sobre a problemática da cultura tenha sido pouco consensual no movimento psicanalítico, vimos no percurso desta discussão um conjunto de textos freudianos que debruçaram-se sobre a importância do tema para a Psicanálise. A divisão dos textos chamados “sociológicos”, nos parecem mais uma questão didática do que teórica, pois ao longo deste trabalho, compreendemos que eles são também fundamentalmente clínicos, pois são extremamente importantes para pensar a clínica. O dualismo pulsional também nos parece que foi uma concepção “cara” a Freud, pois retirou os analistas de uma posição “confortável”, ao introduzir a ordem pulsional no que diz respeito ao “bem” e ao “mal”, pois passou-se a questionar o que é fazer o “bem” ao seu paciente.

No livro *“Por que a Psicanálise?”* de Elisabeth Roudinesco (2000), somos convocados em diversos momentos a refletir, em que sociedade vivemos? Ou seja, uma sociedade que ao mesmo tempo em que oferece uma infinidade (ou falta) de recursos, como por exemplo, os avanços científicos e tecnológicos, mostra-se incapaz de escutar o sofrimento psíquico do sujeito, como coloca a autora, sejam normais ou patológicos. E estes mesmos sujeitos, sofrem com a liberdade conquistada por já não saberem como utilizá-las.

Contudo, há diferentes denominações que caracterizam nossa sociedade, “depressiva”, “narcisista”, “perversa”, que são expressões do mal-estar na civilização, em que sintomas contemporâneos interferem na constituição do sujeito e na clínica. Outra característica da contemporaneidade é o crescente individualismo, que neste momento não nos parece causar estranhamento ao leitor, ao afirmar mais uma vez que retirar o sujeito de sua condição narcísica não tem sido uma tarefa fácil a cultura, ou seja, barrar a natureza pulsional e retomá-la torna-se mortífero.

Segundo Bursztein (1998), a Psicanálise como teoria e fala pública, tem um papel a desempenhar na prevenção da destruição da civilização, pois contrariamente à idéia recebida, ela leva o sujeito a tornar-se cidadão ativo, conduzindo a problematizar todos os aspectos da vida, e a transformar todas as condições que os anulam. Para Fuks (2007), a vivência nos campos de extermínio, vem sendo repetido e reproduzido na cultura, gerando manifestações que afetam a clínica e modificam a escuta do analista.

Muito se fala que não há mais espaço para a psicanálise, que trata-se de uma ciência e prática ultrapassada, e outros ainda vão além, as críticas a Freud tornam-se campanhas, acusando-o de charlatanismo. Hoje ninguém desconhece o vocabulário freudiano, o senso

comum apropriou-se de vários termos, porém, esta falsa popularização, trouxe uma problematização significativa para a própria psicanálise, a interpretação equivocada de seus conceitos e que invoca, sem dúvidas, um engajamento maior dos psicanalistas. Alguns analistas se utilizam da teoria freudiana para um posicionamento conservador, pois têm dificuldades em seguir Freud nas reflexões sociais e permanecem em um discurso simplista.

Atualmente existem muitas manifestações que convocam o analista à urgência da tarefa de pensar em nosso tempo e fazer avançar a teoria. Os avanços científicos e genéticos de nossa época obrigam o analista a refletir sobre a onipotência científica do remanejamento das origens e as formas que vêm tomando a negação crescente do sujeito nas sociedades atuais. Como os exemplos citados no texto de referência, a procriação controlada, barrigas de aluguel, demanda de engravidar em detrimento do desejo de ter um filho, o fantasma da clonagem humana, que são figuras de negação da castração que põem à prova a função do analista, e convocam a Psicanálise a elaborar uma crítica à cultura contemporânea. O que implica na problemática da transmissão do legado freudiano às futuras gerações de analistas (Fuks, 2007).

É preciso escutar o que vem do mundo externo, pois as manifestações que dizem respeito ao mal-estar, com a violência, as guerras, a problemática religiosa tornaram-se obrigatório na reflexão do analista, em que este será interpelado por essas questões. A influência do social é determinante para a compreensão das novas doenças, pois além de produzirem modificações nos sintomas, são movimentos que vão encorajar um modo de vida diferente.

Compartilhamos com Fuks (2007) que o fato do discurso da psicanálise ser atingido pelas incidências da vida social e política da contemporaneidade não deixa de exigir do analista fidelidade ao Inconsciente, e diante disso, supomos que este seja mais um equívoco das releituras de Freud e, portanto, equívoco freqüente a alguns analistas.

Validamos que esta realmente não seja uma tarefa fácil e que ainda implica em muitos desafios. Portanto, acreditamos que realizar uma reflexão sobre as contradições sociais e a práxis psicanalítica consiste em um trabalho crucial para o engajamento ético da Psicanálise e para a formação do analista.

A transmissão da Psicanálise, como coloca Fuks (2007), vai depender da responsabilidade do analista em escutar as subjetividades contemporâneas, retornar às escritas teóricas da psicanálise e daí extrair conseqüências e propostas que possam fornecer às outras disciplinas, e a ela própria, ferramentas para fazer frente à compulsão à destruição, ao gozo ilimitado, às passagens ao ato da violência assassina, que não cessam de aumentar neste novo

século.

Segundo Bursztein (1998) precisamos como sujeito escolher ser escravo, ou seja, escolher a morte e aceitar perder a esperança de um gozo fusional primeiro, o que nos falta. Aceitando essa frustração, o escravo se torna, o senhor suscetível de manter sua posição de sujeito no jogo da troca social e esta diferença entre senhores e escravos é, evidentemente, geradora ao infinito de injustiça. Inevitavelmente, ela leva os homens a se dividirem e se posicionarem entre eles de maneira hierárquica, como dominadores ou dominados. Sendo assim, se não podemos cessar de querer combater essa injustiça, devemos admitir que essa dimensão de injustiça é, no entanto, um real irreduzível. Portanto, é aqui que a psicanálise encontra sua razão de ser, já que ela permite, a cada um que o deseje, não mais ser escravo de seu gozo e poder então descobrir a via do desejo; pois, saindo de sua escravidão, o sujeito tornado desejante se torna uma força capaz de mudar o mundo. Isso posto, acreditamos que a Psicanálise possa fazer parte disso, e para nós, como coloca o autor, apostar no sujeito, seria o exato contrário de uma oposta utopista.

É preciso ressaltar que o inconsciente não limitou a condição humana, e sim deu outra dimensão ao homem, que ao questionar os limites da razão, ampliou-se a diversidade das condutas humanas, fazendo uma leitura não dogmática da realidade, trazendo novas possibilidades de existência. No nosso entendimento, a psicanálise pode dar luz à essência da condição humana, isto é, “reencontrá-la” na dialética de seu próprio desejo.

Portanto, compreendemos que Freud nunca deixou de articular o individual com o social e que trazê-lo para a problemática psicanalítica é fundamental para pensar os fenômenos clínicos, pois a psicanálise não pode abrir mão de diálogos que interferem no trabalho analítico, atenta para que o que foi dito não seja transformado em dogma, excluindo a realidade e trazendo efeitos catastróficos ao exercício da prática psicanalítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para tecer considerações acerca do que já foi discutido neste trabalho, consideramos importante resgatar as questões que nortearam esta reflexão. Buscou-se investigar o fenômeno de intolerância à diferença do outro, questionando quando a diferença torna-se intolerante ao psiquismo e aniquilamos o outro. Considerando esta uma questão inerente ao humano, questionamos também o que pode contribuir a clínica psicanalítica frente à essas questões.

Acreditamos que no percurso deste trabalho, tais questões foram refletidas e respondidas ao longo dessa discussão. Fundamentamos ao leitor, a importância do conceito psicanalítico de narcisismo das pequenas diferenças para a compreensão do fenômeno no qual nos debruçamos. A partir do desenvolvimento deste conceito ao longo do pensamento freudiano, vimos que o estranhamento à diferença é constitutiva e intolerante (assim como o par de oposto tolerante), pois o outro é condição e ao mesmo tempo impossibilidade, em que a inscrição do sujeito se dá pela exclusão do outro, do estrangeiro.

Isso posto, compreendemos que a violência é um paradoxo humano, pois quando a diferença torna-se ameaça a integridade narcísica do Eu, objetos discriminados passam à ser alvos de ódio e repudiados com a agressividade. O que traz luz ao questionamento deste trabalho, pois embora a diferença do outro não implique em sua aniquilação, quando não abrimos mão de nossa condição narcísica, torna-se um fator favorável para a segregação e o racismo, pois o narcisismo ligado às pequenas diferenças oferecem oportunidades para o exercício da destrutividade.

Desta forma, a cultura tem um papel importante para barrar o mortífero, ou seja, uma árdua tarefa de nos defender de nossa natureza pulsional. O que nos parece uma problemática para a contemporaneidade e uma questão legítima para a Psicanálise, pois vivemos a supremacia de uma sociedade individualista em que os recursos sociais, políticos, econômicos estão cada vez mais escassos, portanto permanecer na condição narcísica, nos parece uma posição validada por nossa civilização. Diante disso, compreendemos também a importância do social, ou seja, que uma interpretação não pode ser realizada sem considerar os acontecimentos históricos, políticos e sociais, pois interferem e acabam com a possibilidade da intervenção singular, dificultando a prática psicanalítica.

Assim, no percurso desta reflexão, compreendemos que a “igualdade é uma ilusão”, e

que no discurso inflamado da nossa sociedade valida o ódio ao outro, pois vimos que a hostilidade à diferença é constitutiva. Com esta afirmação receíamos cruzar a linha tênue do politicamente correto, pois esbarramos na democracia do igualitário, o que não nos parece um recurso favorável a nossa natureza pulsional, pois ao retomá-la torna-se mortífero. As bandeiras de “não à diferença” nos parece esvaziar a condição de sujeito e estimula o ódio ao outro, em que um ato de “generosidade” acaba gerando um ato segregatório. Portanto, nos parece mais correto dizer “sim às diferenças”, o que ainda não será uma tarefa mais fácil, pois seu reconhecimento ainda vai implicar em estranhamento.

Nesse sentido, precisamos refletir como as leis ocupam o lugar de denunciar o mal-estar na sociedade. Cabe ressaltar, que não queremos diminuir sua importância e/ou desvalidar os ganhos conquistados, porém, precisamos compreender que as leis, não eliminam por exemplo, o racismo, a violência doméstica, pois não têm a função de impedir que o sujeito odeie o outro, pois vimos que o ódio e à agressividade são inerentes ao humano.

E foi nesse sentido, que o presente trabalho buscou convocar a Psicanálise, sobretudo, os analistas a direcionar e ampliar seu olhar e engajamento sobre esses fenômenos. Embora, se saiba que o conhecimento da Psicanálise exige um vasto e intenso estudo sobre ela, acreditamos ao longo dessas leituras, que a maior dificuldade deste engajamento, não está na Psicanálise em si, isto é, de analisar e aplicar seus conceitos aos fenômenos coletivos, mas sim dos próprios psicanalistas acerca de suas possibilidades.

A hipótese que levantamos, é que a releitura e as diversas interpretações de seus conceitos, visto até mesmo no discurso de psicólogos em um caráter de senso comum, não são compreendidos e tão pouco aplicados em um contexto, isto é, espaço e tempo, provocando talvez este equívoco. O que implica sem dúvida em uma reflexão sobre a formação do analista.

Portanto, compreendemos que o estranhamento é condição para a escuta psicanalítica, o acolhimento ou rejeição do estrangeiro em si mesmo, pois como vimos à diferença provoca angústia e horror ao que é mais íntimo e mais estranho. Sendo assim, acreditamos que o trabalho psicanalítico pode enfrentá-lo.

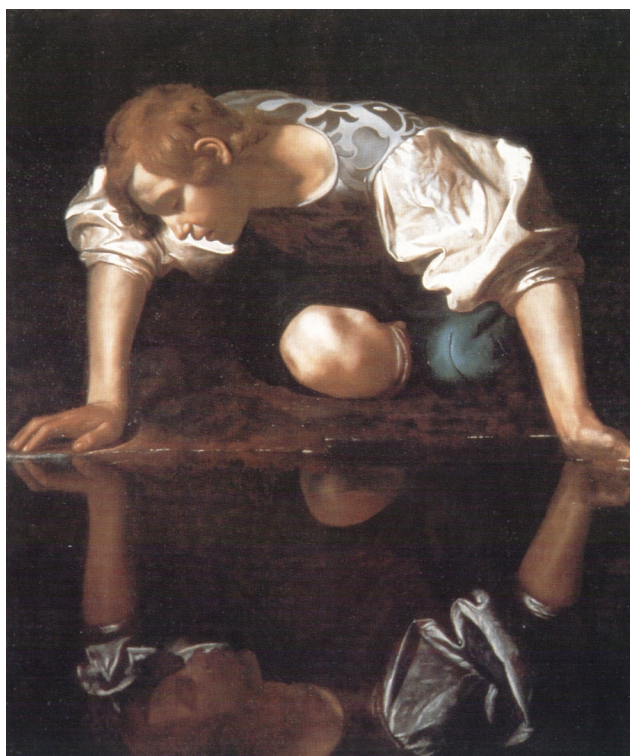
Enfim, concluímos que mesmo sabendo que há um mal-estar que nos habita e que vivemos em uma sociedade que nos oferece poucos recursos para suportá-lo, acreditamos que a análise pode ser uma possibilidade contra a agressividade constitutiva, que coloca a impossibilidade de lidar com o outro. O analista pode apontar outras possibilidades para elaborar seu sofrimento, ajudando a refletir e escolher sobre seu destino, levando-o a ter consciência do investimento na vida, e que este não seja apenas um investimento para si

mesmo, mas que ele possa também investir no processo civilizatório, escolhendo a sociedade que quer habitar.

Contudo, acreditamos que diante desta discussão ficaram ainda muitas inquietações, e que se esta reflexão não suscitasse mais questionamentos evidenciando uma infinidade de possibilidades, nos causaria um estranhamento, pois esta não estaria embasada no arcabouço da Psicanálise, que reciprocamente ao oferecer respostas, suscita ainda mais perguntas.

Consideramos importante ressaltar que o inconsciente não limitou a condição humana, e sim deu outra dimensão ao homem, que ao questionar os limites da razão, ampliou-se a diversidade das condutas humanas, fazendo uma leitura não dogmática da realidade, trazendo novas possibilidades de existência. No nosso entendimento, a psicanálise pode dar luz à essência da condição humana, isto é, “reencontrá-la” na dialética de seu próprio desejo, pois como vimos, o mundo não está dividido em pessoas “boas” e “más”, de maneira metafórica, todos temos “luz” e “trevas” dentro de nós e escolhemos o que somos.

E para finalizar, vamos terminar com a clássica imagem de “*Narciso*”, (1596), do pintor italiano Caravaggio (1571-1610), retirada da internet (google imagens), para representar não apenas o conceito do narcisismo que permeou esta discussão, mas também para ilustrar nossa dificuldade e intensidade do encontro com o eu e o não-eu, pois nos perguntamos: O que encontramos do outro lado do espelho?



“*Narciso*”, 1596 – Caravaggio

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLACK, Edwin. *Guerra contra os fracos: a eugenia e a campanha dos Estados Unidos para criar uma raça dominante*. Tradução Tuca Magalhães. São Paulo: A Girafa Editora, 2003.
- BURSZTEIN, Jean-Gérard. *Hitler, a tirania e a psicanálise: ensaio sobre a destruição da civilização*. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998.
- ENRIQUEZ, Eugene. *Psicologia das Massas e análise do ego: As metamorfoses da função social* In *Da horda ao Estado: Psicanálise do vínculo social*; trad. Teresa Cristina Carreiro e Jacyara Nasciutti. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. P.47-78.
- ESTÊVÃO, Ivan Ramos. *Sobre a universalidade da Psicanálise: um estudo da teoria freudiana do Complexo de Édipo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, USP, 2003.
- FREUD, Sigmund (1911). *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia Paranoides) Relato em autobiografia (“O Caso Schreber”, 1911)* In *Obras Completas, volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: (“O caso Schreber”): artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*; tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. P.13-107.
- (1912-1913) *Totem e Tabu* In *Obras Completas, volume 11: Totem e Tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*; tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. P.13-244.
- (1914) *Introdução ao Narcisismo* In *Obras Completas, volume 12: Introdução ao Narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*; tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. P.13-50.
- FREUD, Sigmund (1915). *Considerações sobre a guerra e morte* In *Obras Completas, volume 12: Introdução ao Narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*; tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. P.209-246.
- (1917-1918) *O Tabu da Virgindade (Contribuições à Psicologia do Amor III [1917])* In *Obras Completas, volume 9: Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos lobos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)*; tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. P.364-387.
- (1921) *Psicologia das Massas e Análise do Eu* In *Obras Completas, volume 15: Psicologia das massa e análise do eu e outros textos (1920-1923)*; tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. P.13-113.

- (1925) *A Negação* In *Obras Completas, volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)*; tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. P.275-282.
 - (1929-1930) *O Mal-estar na Civilização*. Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics & Companhia das Letras, 2011.
 - (1939). *Moisés e o Monoteísmo*. Tradução Maria Aparecida Moraes Rego. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- FUKS, Betty Bernardo. *O pensamento freudiano sobre a intolerância*. Psicol. clin., Rio de Janeiro, v.19, n. 1, 2007, p.59-73. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010356652007000100005&lng=en&nrm=iso>. Data de Acesso: 15/07/2013.
- *Questões da contemporaneidade e a transmissão da psicanálise. Psyche (Sao Paulo)*. [online]. jun. 2007, vol.11, no.20 [citado 23 Maio 2009], p.141-150. Disponível em: <http://pepsic.bvpspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141511382007000100010&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1415-1138. Data de Acesso: 01/05/2013.
- HITLER, Adolf (1889-1945). *Minha Luta/ Mein Kampf*. Tradução Klaus Von Puschen. São Paulo: Centauro, 2001.
- KOLTAI, Caterina. *Totem e Tabu: um mito freudiano*. Coleção Para Ler Freud. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário de Psicanálise/ Laplanche e Pontalis; sob a direção de Daniel Lagache; tradução Pedro Tamen*. – 4ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MIGUELEZ, Oscar M. *Narcisismos*. São Paulo: Escuta, 2007.
- REINO, Luiz Moreno Guimarães; ENDO, Paulo Cesar. *Três versões do narcisismo das pequenas diferenças em Freud*. Trivum, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, dez. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217648912011000200004&lng=pt&nrm=iso>. Data de Acesso: 01/08/2013.
- ROUDINESCO, Elisabeth, 1944. *Por que a psicanálise?*. Tradução, Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

Referências citadas em notas:

1. FREUD, Sigmund (1919). *O Inquietante* In *Obras Completas, volume 14: História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1917-*

1920); tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. P.328-376.

- 2. (1920). *Além do Princípio do Prazer* In *Obras Completas, volume 14: História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*; tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. P.161- 239.

- 4. (1923). *O Eu e o Id* In *Obras Completas, volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)*; tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. P.13-74.

3. GREEN, André. *Narcisismo de Vida – Narcisismo de Morte*. Tradução Cláudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1988.

5. SALEM, Helena. *As tribos do mal: o neonazismo no Brasil e no mundo*. Coordenação Emir Sader – São Paulo: Atual, 1995.

Fonte de Informação:

As normas de referência e normatização são definidas pela *Associação Brasileira de Normas e Técnicas* (ABNT).

ECO, Humberto (1932). *Como se faz uma tese*. Tradução Cesar Cardoso de Souza – 24ª ed. – São Paulo: Perspectiva, 2012.

